

FACULDADE SÃO BENTO DE SÃO PAULO

FRANCISCO C. S. GALVÃO

**SOFRIMENTO E RESILIÊNCIA:
PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁXIS CRISTÃ**

São Paulo

2015

FACULDADE SÃO BENTO DE SÃO PAULO

FRANCISCO C. S. GALVÃO

**SOFRIMENTO E RESILIÊNCIA:
PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁXIS CRISTÃ**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Banca Avaliadora da Faculdade São Bento de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação do Prof. Dr. André Boccato.

São Paulo

2015

FRANCISCO C. S. GALVÃO

**SOFRIMENTO E RESILIÊNCIA:
PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁXIS CRISTÃ**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Banca Avaliadora da Faculdade São Bento de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação do Prof. Dr. André Boccato.

São Paulo, 15 de dezembro de 2015.

Prof. Dr. André Boccato

Prof. Dr. Gabriel dos Santos Frade

Prof. Dr. Domingos Zamagna

São Paulo

2015

A Damião O. Barbosa, amigo e eterno resiliente (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ao Mestre Divino...

Abrigo seguro das horas mais incertas.

À família...

Porta sempre aberta.

Aos amigos...

Mistério que o tempo eternizou em mim.

Um agradecimento afetuoso...

À minha Congregação religiosa, *Padres e Irmãos Paulinos*, na pessoa do amigo e irmão de caminhada, *Padre Claudiano*, pelo cordial incentivo e por não me deixar esquecer o essencial da minha busca.

Ao meu orientador, *Frei André Boccato*, da Ordem dos Pregadores, por me fazer compreender que tudo aquilo que fazemos no minuto da existência deve comportar um sentido para a vida inteira.

A resiliência é a arte de navegar nas torrentes.

(Boris Cyrulnik)

No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo.

(João 16,33)

Um pouco de misericórdia torna o mundo menos frio e mais justo.

(Papa Francisco)

RESUMO

O presente trabalho se propõe a apresentar uma reflexão sobre o sentido do sofrimento humano e o paradigma da resiliência. O sofrimento atinge o ser humano em todas as culturas e civilizações, ameaçando sua integridade. Diante desse fato inevitável, aquele que sofre questiona-se e busca, de múltiplas maneiras, encontrar respostas que apontem para o sentido da própria existência. O Antigo Testamento desenvolveu diferentes modelos para explicar o sofrimento, na esperança de eliminá-lo. O Livro de Jó põe de modo perspicaz a pergunta sobre o porquê do sofrimento; e mostra também que ele atinge o inocente, mas ainda não dá a solução ao problema. Com efeito, a partir do novo Testamento, especialmente no evento do Cristo, Deus se compadece da humanidade e transforma o sofrimento do castigo em sofrimento de redenção, isto é, promessa de eternidade feliz. Nas parábolas da misericórdia, particularmente na do Bom Samaritano, Jesus mostra como o ser humano libertado por Deus deve também promover a libertação do seu próximo. Nesta perspectiva, surge o enfoque da resiliência como um canto de esperança para o sofredor, um horizonte de possibilidades capaz de ajudá-lo a tomar consciência de suas potencialidades internas e encontrar forças para enfrentar as circunstâncias da vida e ser fortalecido ou transformado pelas experiências de adversidade.

Palavras-chave: Sofrimento. Resiliência. Espiritualidade. Esperança. Compaixão. Sentido de vida.

RIASSUNTO

Il presente lavoro si propone di presentare una riflessione sul senso della sofferenza umana e il paradigma della resilienza. La sofferenza raggiunge l'essere umano in tutte le culture e civiltà, minacciando la sua integrità. Davanti a questo fatto inevitabile, chi soffre s'interroga e cerca, in molti modi, di trovare risposte capaci di offrire un significato alla propria esistenza. L'Antico Testamento ha elaborato varie risposte per spiegare la sofferenza, nella speranza di giungere a eliminarla. Il Libro di Giobbe pone in modo perspicace l'interrogativo sul perché della sofferenza; mostra anche che essa non risparmia nemmeno l'innocente, senza, però, offrire la soluzione al problema. Nel Nuovo Testamento, specialmente alla luce dell'evento di Cristo, Dio manifesta la sua compassione verso l'umanità e trasforma la sofferenza vista come punizione in sofferenza di redenzione, cioè, in promessa di eternità felice. Nelle parabole della misericordia, specialmente in quella del Buon Samaritano, Gesù mostra come l'essere umano liberto da Dio deve anche promuovere la liberazione del suo prossimo. In questa prospettiva sorge la messa a fuoco della resilienza come canto di speranza per il sofferente, come un orizzonte di possibilità, capace di aiutarlo a prendere coscienza delle proprie possibilità interne e a trovare le forze necessarie per far fronte alle circostanze della vita e fortificarsi o essere trasformato dalle esperienze di avversità.

Parole chiavi: Sofferenza. Resilienza. Spiritualità. Speranza. Compassione. Senso della vita.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A DOR E O SOFRIMENTO COMO QUESTÕES CRUCIANTES NA BUSCA PELO SENTIDO DA VIDA	13
1.1. Análise antropológica do sofrimento.....	13
1.2 O sofrimento e a dor: distinção e aproximação	18
2. O SOFRIMENTO NA PERSPECTIVA BÍBLICO-CRISTÃ	24
2.1 O sofrimento no Antigo Testamento: perspectivas e interpretações	24
2.2 Jesus Cristo: o sofredor que liberta.....	30
2.3 O sofrimento em São Paulo	35
3. RESILIÊNCIA: ORIGEM, CONCEITO E PERSPECTIVAS	40
3.1 Resiliência: para uma compreensão histórica e conceitual	40
3.2 O processo de aceitação na resiliência	45
3.3 Jesus Cristo: um tutor de resiliência?	48
3.4 A espiritualidade como um pilar da resiliência	53
3.5 Resiliência e esperança cristã: a ressurreição como perspectiva.....	58
3.6 Aplicação pastoral: desafios de uma “Igreja em saída” para a promoção da resiliência.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

O sofrimento é sem dúvida um dos grandes mistérios da vida humana, diante do qual o homem se pergunta “por quê” e “para quê” sofre. Com efeito, a principal interrogação por ele suscitada é a busca pelo sentido da própria vida. O drama do sofrimento e sua finalidade sempre foi uma questão amplamente discutida pelas religiões e ciências, dentro e fora das academias. Assim, desde a Antiguidade o problema do sofrimento é proposto em várias formas – mitológicas, filosóficas e literárias – sem conseguir, porém, solução definitiva.

O sofrimento, portanto, coloca o homem diante do mistério da própria existência e finitude, podendo, inclusive, parecer mais difícil quando este não encontra explicação convincente para seus questionamentos. Por isso, aquele que sofre busca, muitas vezes, maneiras de cancelar a dor e o sofrimento de sua experiência cotidiana ou mesmo esquecê-los por meio de distrações e analgésicos, quase sempre ineficazes.

Nesta perspectiva, as ciências humanas passam a se ocupar do sofrimento do homem, na tentativa de ajudá-lo no enfrentamento e ressignificação, sem que seja necessário fugir ou tentar eliminá-lo de uma vez por todas da realidade e condição humanas. É, portanto, neste contexto que surge o enfoque da resiliência, como proposta iluminadora no processo de aceitação, superação e descoberta de um sentido para o sofrimento. O seu olhar, assim como o da esperança, aponta para um horizonte além das circunstâncias da vida presente. Diante do sofrimento inevitável, a resiliência se apresenta como “uma capacidade de projetar-se para o futuro¹”.

A fim de chegar ao objetivo proposto pela pesquisa adotou-se a seguinte

¹ VANISTENDAEL, Stefan; LECOMTE, Jacques. *La felicidad es posible. Despertar en niños maltratados la confianza en si mismos: construir la resiliencia*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2006. p. 69.

metodologia: no primeiro capítulo coloca-se o drama do sofrimento, destacando-se os aspectos universal e antropológico, bem como a pergunta pelo sentido da vida. Autores como James F. Drane, João Paulo II, Adolphe Tanquerey, Humbert Lepargneur, Viktor Frankl, entre outros, serviram de base para o pensamento introdutório à questão do sofrimento, o qual perpassa toda a pesquisa.

O segundo capítulo, por sua vez, procurou identificar na fé cristã elementos capazes de iluminar o ser humano na busca de respostas a essa questão fundamental da existência. Com esse objetivo, apresentaram-se abordagens do sofrimento no Antigo e no Novo Testamento. Do Antigo Testamento, destacou-se a figura de Jó, que significativamente rompe com o princípio que identifica o sofrimento com o castigo do pecado; e faz isso com base na própria situação.

No Novo Testamento, como não poderia deixar de ser, destacou-se a figura de Jesus Cristo, sua relação com o sofrimento e o cuidado com os sofredores. Ele que, por seu sofrimento, transformou o mistério do sofrimento humano em “mistério de salvação”. O apóstolo Paulo, em seguida, é apresentado como “modelo” de configuração com o sofrimento de Cristo. Com efeito, em Paulo é possível analisar mais de perto a correlação entre o sofrimento de Jesus e dos seus seguidores. Para o apóstolo, portanto, comprometer-se inteiramente com a boa nova do Reino significa, inclusive, dispor-se ao sofrimento.

O terceiro capítulo apresenta um panorama histórico e conceitual da resiliência em sua relação com a espiritualidade e a esperança, uma vez que estas são consideradas por especialistas como as mais importantes das características da pessoa resiliente. No processo de resiliência destaca-se a figura do “tutor” como alguém capaz de estabelecer uma relação

de cumplicidade e confiança com o sofredor, aceitando-o de maneira incondicional². Com base nos principais atributos dos tutores de resiliência, apresenta-se, em seguida uma, reflexão a partir das palavras libertadoras de Jesus e de sua aceitação incondicional em relação aos sofredores, tendo como pano de fundo a parábola do Bom Samaritano.

Finalmente, com base numa pesquisa de campo realizada pela teóloga Susana Rocca, junto a jovens católicos de 18 a 29 anos, do Rio Grande do Sul, buscou-se elementos para uma aplicação pastoral da resiliência no contexto da “Igreja em saída”, levando-se em conta proposições da *Gaudium et spes* e da *Evangelii Gaudium* para a evangelização no mundo atual.

² A respeito da expressão “aceitação incondicional”, utilizada por muitos autores da resiliência para referir-se ao tutor de resiliência, Stefan Vanistendael prefere substituí-la por “aceitação fundamental”, uma vez que, somente Deus pode aceitar alguém incondicionalmente.

1. A DOR E O SOFRIMENTO COMO QUESTÕES CRUCIANTES NA BUSCA PELO SENTIDO DA VIDA

Neste primeiro capítulo apresenta-se uma abordagem acerca da visão antropológica do sofrimento em sua relação com a dor. Almeja-se, sem intenção de esgotar o assunto, aproximar-se do ser humano que sofre e que, ao sofrer, busca compreender sua condição existencial. Para tanto, este primeiro capítulo divide-se em duas partes: na primeira, conceitua-se e analisa-se o sofrimento em sua universalidade; na segunda, distingue-se o conceito de dor e sofrimento, enfatizando-se a busca do ser humano por um sentido além das circunstâncias presentes.

1.1. Análise antropológica do sofrimento

De acordo com a língua latina, sofrer é um vocábulo derivado do verbo *suffere*, que significa suportar, tolerar ou resistir. O sofrimento é o estado daquele que sente uma dor física ou moral mais ou menos prolongada³. Neste sentido, o sofrimento se refere à aflição imposta. É algo a que nos submetemos e que está vinculado com a perda e causa incapacidade. O sofrimento é, portanto, sinônimo de aflição e requer resistência⁴. Resistir, como veremos mais adiante, é pressuposto basilar para a compreensão da resiliência. Todavia, o conceito vai além desse pressuposto.

Acerca da definição de sofrimento é importante compreender que, nem todo evento que causa incômodo ou mal-estar pode ser considerado sofrimento. Segundo Drane, sofrer está ligado a uma experiência ou acontecimento grave. Ele esclarece que,

o sofrimento é uma aflição grave o bastante para cruzar a linha que leva dos sentimentos negativos aos sentimentos de aversão. O aborrecimento é uma

³ Cf. TORRINHA, Francisco. *Dicionário Português-Latino*. São Paulo: Editorial Domingos Barreira-Porto, 1939, p. 1023.

⁴ DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 13.

experiência negativa, mas não constitui propriamente sofrimento. O mesmo é verdadeiro sobre a irritação e a frustração. Ter de estar na fila do supermercado quando alguma pessoa fica apresentando um imenso número de cupons de desconto pode ser irritante, mas não é sofrimento. O sofrimento é uma experiência mais grave. O que qualifica algo como grave experiência de aversão difere de uma pessoa para outra. A mesma situação pode causar sofrimento em uma pessoa e não em outra⁵.

Para o autor acima citado, o sofrimento apresenta característica individual, pessoal e tem relação com a idade, de modo que, a mesma experiência em uma idade pode ser apenas irritante, mas em outra pode qualificar-se como sofrimento. Drane conclui que, “todos os seres humanos, em algum ponto da vida, experimentam uma aflição grave que se qualifica como sofrimento⁶”. Para ele, o sofrimento grave pode ser predominantemente psicológico, físico, social ou espiritual. Em geral, o sofrimento se nos apresenta como algo que está além de nosso controle. Deste modo, Drane ressalta que,

o sofrimento é sentido como algo imposto de fora, porém é mais exatamente uma experiência interior que ameaça a integridade de um eu (*self*) ou a identidade própria de cada pessoa. No mais profundo de cada ser humano há um sentido ou consciência de si mesmo. Quando nosso eu único ou identidade interior é ameaçado por uma experiência negativa grave estamos definitivamente diante do sofrimento⁷.

O sofrimento é, pois, um acontecimento grave que ameaça o interior da pessoa porque tende a se associar ao desespero e à perda do sentido da vida. Essa relação entre o sofrimento e a perda da identidade é bastante evidente, por exemplo, quando pessoas são vítimas de catástrofes naturais. Basta recordarmos, por exemplo, dos milhares de sobreviventes do *tsunami* de 2006 na Índia e na Indonésia. Ao estudar o sofrimento destas pessoas, Drane observa que, tudo o que contribuía para sua identidade lhes tinha sido tirado. Perderam família, emprego e tudo a que davam valor. De repente, não sabiam mais quem eram. Tinham perdido a própria identidade e estavam sofrendo terrivelmente. Alguns

⁵ DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 13.

⁶ *Ibid.*, p. 13.

⁷ DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 14.

sobreviventes eram resilientes⁸ o suficiente para querer começar mais uma vez, mas eram poucos. A maioria apenas afundou-se no sofrimento. Sofriam de uma forte crise de identidade. Sair do sofrimento, portanto, envolve reconstruir a própria identidade⁹.

O sofrimento é realidade inerente à condição humana. Todavia, existe uma ilusão de que a vida poderia ser destituída de sofrimento, levando a uma imunidade contra a dor ou a uma fuga diante dela. Quem lida com a dor de forma ilusória, depreciativa, recalcada e apática, infelizmente, não conseguirá perceber uma forma de superar os males evitáveis ou integrar de forma ativa aqueles que não podem ser superados¹⁰.

Tanquerey enfatiza a dimensão universal do sofrimento e recorda que este tem início logo nos primeiros momentos do nascimento e acompanha o ser humano em todas as fases de sua vida. Ele assim explica:

Já no berço, a criança se serve do choro para queixar-se de seus pequenos incômodos. Quando cresce, tem suas tristezas e contrariedades, cuja intensidade é por vezes manifestada pelas lágrimas. Mais tarde, vêm as crises da adolescência, com seus ardentes desejos, suas paixões, suas tentações, seu desejo de amar e ser amado, suas ilusões, suas decepções e mágoas. Ao fundar uma família, o homem desfruta, sem dúvida, das alegrias puras e doces do lar; mas sua felicidade é frequentemente perturbada pelas responsabilidades, pelas preocupações, pelo trabalho duro, a luta pela vida, as doenças, os reveses da fortuna ou o luto¹¹.

O sofrimento enquanto realidade universal, de uma forma ou de outra, atinge a todos e ninguém está isento de suas consequências, conforme indica Kreeft:

Seu vizinho, seu melhor amigo, seu médico, seu mecânico, todos possuem mágoas profundas e abafadas das quais você nem chega a tomar conhecimento, da mesma forma que eles não conhecerão as suas. Todos, pelo mundo afora, estão sofrendo.

⁸ Entenda-se “resiliente” aqui como toda pessoa capaz de superar situações adversas, recomeçar a vida e se fortalecer diante do sofrimento inevitável.

⁹ DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 15.

¹⁰ GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 11.

¹¹ TANQUEREY, Adolphe. *A divinização do sofrimento*. São Paulo: Cultor de Livros, 2014, p. 7-8.

E, se você não se apercebe disso, é porque ou é bastante ingênuo e acredita na aparência das pessoas, ou tem a pele tão resistente que não se magoa, nem sente a mágoa das outras pessoas em sua volta... ‘A grande massa dos homens leva a vida em calmo desespero’, escreveu Thoreau¹².

Se o sofrimento é inerente a toda pessoa e a alcança em sua totalidade (físico, psicológico, espiritual etc.), a humanidade inteira deve ser mais sensível e solidária ao sofrimento de cada indivíduo, de modo a não permitir que ninguém sofra sem sentido. Infelizmente, nem sempre essa é a postura adotada pela coletividade em relação a quem sofre. Ao contrário, muitas vezes, a sociedade os exclui de seus direitos mais fundamentais, aumentando, assim, o seu sofrimento.

Na ótica da resiliência¹³, as instituições sociais, educativas e religiosas devem ser as grandes promotoras de resiliência na vida das pessoas, a fim de que, aquele que sofre possa encontrar o suporte necessário para vencer as adversidades que a vida lhes impõe. De igual modo, todo aquele que superou um sofrimento grave deveria, naturalmente, tornar-se um “tutor de resiliência¹⁴” na vida de outras pessoas, ajudando-as a ressignificar as marcas de suas dores e sofrimentos.

Em meio às mazelas e sofrimentos da sociedade, que “até o presente geme e sofre em dores de parto” (Rm 8,22), a fé cristã, sensível a esta dimensão antropológica fundamental do homem, ajuda-nos a compreendê-la numa esfera transcendente. Com efeito, uma das tarefas da religião é apaziguar a inquietude humana diante do sofrimento e

¹² KREEFT, Peter. *Buscar sentido no sofrimento*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 20.

¹³ A resiliência é entendida, de modo geral, como uma capacidade humana universal capaz de ajudar as pessoas a desenvolver-se bem diante de situações dolorosas e continuar projetando-se no futuro, apesar dos sofrimentos graves na vida; é considerada como um processo dinâmico e não absoluto no ser humano, uma habilidade processual capaz de transformar situações difíceis em oportunidade de crescimento e fonte de sentido para a existência daquele que sofre.

¹⁴ Tutor de resiliência é toda pessoa capaz de promover liberdade, confiança e fortaleza na pessoa que sofre ou que sofreu traumas, perdas e graves sofrimentos na vida; alguém capaz de promover esperança e ajudar o sofredor a reencontrar um sentido para a própria existência, seja por meio do afeto, da escuta ou da aceitação.

do mal¹⁵. Conforme indica Bento XVI, na Carta Encíclica *Spe Salvi*, sobre a esperança cristã, “a grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre. Isso vale tanto para o indivíduo como para a sociedade¹⁶”. Contudo, ele ressalta que,

uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir, mediante a compaixão, para fazer com que o sofrimento seja compartilhado e assumido, mesmo interiormente, é uma sociedade cruel e desumana. A sociedade, porém, não pode aceitar os que sofrem e apoiá-los no seu sofrimento, se os próprios indivíduos não são capazes disso mesmo; e, por outro lado, o indivíduo não pode aceitar o sofrimento do outro, se ele pessoalmente não consegue encontrar no sofrimento um sentido, um caminho de purificação e de amadurecimento, um caminho de esperança. Aceitar o outro que sofre significa, de fato, assumir de alguma forma o seu sofrimento, de tal modo que este se torna também meu. Mas precisamente porque agora se tornou sofrimento compartilhado, no qual há a presença do outro, esse sofrimento é penetrado pela luz do amor¹⁷.

Do ponto de vista antropológico, a experiência universal do sofrimento é uma realidade a ser assumida por todos. Por apresentar-se como uma dimensão existente e não criada pela própria pessoa, necessita de uma maior aceitação por parte de todos. Tal aceitação, contudo, é processual e acontece ao longo de toda a vida. Cada experiência vivida, seja ela positiva ou não, deve favorecer um progressivo amadurecimento humano e pessoal, sobretudo, na maneira de lidar com os sofrimentos e adversidades da vida.

Segundo Drane, a palavra usada mais frequentemente para referência aos aspectos internos, mentais, subjetivos da dor é sofrimento¹⁸. Para tanto, julgamos importante destacar a distinção e a relação existente entre ambos, visto que o foco maior da resiliência está no sofrimento mais profundo do ser humano e não apenas na dor física.

¹⁵ LEPARGNEUR, H. *Antropologia do Sofrimento*. Aparecida: Santuário, 1985, p. 56.

¹⁶ BENTO XVI. *Spe Salvi, sobre a esperança cristã*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2007, n. 38.

¹⁷ *Ibid.*, n. 38 .

¹⁸ DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 11.

1.2 O sofrimento e a dor: distinção e aproximação

O sofrimento é uma realidade que envolve a todos. Manifesta-se como uma dimensão universal, portanto, moral e ontológica. Neste sentido, queremos destacá-lo como uma realidade que admite a dor. Esta, embora sendo vivida de forma integrada ao sofrimento, apresenta-se como uma realidade mais corporal. Não obstante, também a dor sinaliza para a busca por uma significação que vai além dela.

Para Drane, a dor e o sofrimento aparecem em geral juntos, mas podem significar realidades diferentes. A dor, segundo ele, é um sentimento negativo que advém de algum dano ao corpo. É uma transmissão neural de estímulos nocivos, sendo inevitavelmente uma parte da existência corporal. A dor, portanto, acompanha nossa entrada e saída da vida¹⁹. Entretanto, Drane destaca que,

a dor não é um fenômeno unidimensional, mas uma experiência que reúne em si distintos sentimentos. É a experiência de uma pessoa particular. É distinta e variada. A dor e o sofrimento são diferentes, mas quando não há nenhuma esperança de alívio da dor, a pessoa que sente dor também está sofrendo²⁰.

Sendo o sofrimento uma realidade englobante e total na vida da pessoa, encontra na dor o seu sentido particular. A dor, por sua vez, exprime-se na finitude do que é o ser humano, mas ela tem no sofrimento a busca por um sentido de integralidade. Enquanto a dor carrega em si a provisoriedade do limite humano, o sofrimento conduz à dimensão de transcendentalidade do ser humano. Encontramos em Lavelle o aprofundamento desta constatação. Assim nos diz:

Na dor, é o corpo que está em primeiro plano, e é próprio do corpo pôr-me em relação com as coisas. O sofrimento, ao contrário, é muito mais complexo. A palavra se aplica mal às feridas que as coisas podem infligir-nos. Só sofremos nas relações com outros seres. A possibilidade de sofrer mede a intimidade e a intensidade dos laços que nos unem a outra consciência. Não sofremos em nossas

¹⁹ DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 7.

²⁰ DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 49.

relações com indiferentes: a indiferença chega a ser, para nós, uma espécie de proteção contra o sofrimento. É evidente, porém, que o sofrimento não pode ser considerado uma sensação, pois é muito mais interior. Já não é minha vida que está em perigo, na medida em que depende do corpo: é meu ser espiritual que entra em jogo, que inicia consigo mesmo uma espécie de dialética interior, cujo efeito é o sofrimento²¹.

Portanto, a dor e o sofrimento estão em sintonia, mas são distintas, do ponto de vista antropológico. Ambas as realidades encontram na busca pelo sentido do ser humano uma resposta que ultrapassa as formulações teóricas. A sutileza da dor, na visão de Drane, não pode ser refletida nas medidas matemáticas objetivas geradas por tecnologias. A experiência da dor põe o médico e o paciente em contato com a complexidade da vida humana²².

Sendo assim, a dor propicia ao ser humano uma busca de aprofundamento de si mesmo, um significado para a realidade da dor. A partir dessa constatação, o significado atribuído ou percebido influencia profundamente a forma como a experiência será vivida e experimentada²³. A dor encontra no sofrimento a possibilidade de uma resposta que supera os limites da pessoa que sofre. Nesta perspectiva, constatamos a pertinência da resiliência como uma categoria existencial e teórica que nos permite, por meio do conteúdo da fé cristã, não apenas compreender melhor a realidade da dor e do sofrimento, mas a conferir-lhes um sentido para além das perguntas e inquietudes próprias daquele que sofre.

Diante do mistério do sofrimento humano, a pessoa se defronta com interrogações que, provenientes das experiências particulares das suas dores e angústias, impelem a buscar um sentido no sofrimento. A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida²⁴. No sofrimento, portanto, a pessoa é chamada a se questionar, pois,

²¹ LAVELLE, Louis. *O mal e o sofrimento*. São Paulo: E realizações, 2014, p. 68-69.

²² DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 9.

²³ *Ibid.*, p. 11.

²⁴ FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. 25ª edição, São Paulo: Sinodal, Vozes, 2007, p. 124.

no fundo de cada sofrimento experimentado pelo homem, como também na base de todo o mundo dos sofrimentos, aparece inevitavelmente a pergunta: “*por quê?*”. É uma pergunta acerca da causa, da razão e também acerca da finalidade (*para quê?*); trata-se sempre, afinal, de uma pergunta acerca do sentido. Esta não só acompanha o sofrimento humano, mas parece até determinar o seu conteúdo humano, o que faz com que o sofrimento seja propriamente sofrimento humano²⁵.

Embora a dor, especialmente a dor física, seja amplamente difundida no mundo dos animais, apenas o homem, ao sofrer, sabe que sofre e se pergunta pelo porquê; e sofre de um modo ainda mais profundo se não encontra uma resposta satisfatória. Esta busca por um sentido na vida, segundo Drane, é, em certo sentido, inseparável da experiência do sofrimento. Compreendê-lo é missão e vocação de todo ser humano. Quanto mais a pessoa busca dar um sentido a ele, ou seja, está a caminho da resiliência, mais ela será capaz de integrá-lo como uma realidade humana a ser aceita, aprofundada e superada.

Segundo Drane, necessitamos de uma integração, compreensão e aprofundamento da realidade do sofrimento:

Os seres humanos são seres que questionam. Podem compreender a realidade. Têm poderes intelectuais de que nenhuma outra criatura é dotada. A ciência, a filosofia, a literatura, a matemática, o discurso, a arte, a reflexão etc. são todos expressões dos poderes humanos de responder às perguntas levantadas pela realidade. Perguntas seguidas de uma busca por respostas são uma maneira de definir a vida humana. Tentar compreender está no núcleo da existência humana²⁶.

Esta constatação de Drane tem a sua relação interpretativa no reconhecimento pelo qual só o homem, enquanto um ser que sofre, é capaz de buscar respostas e significados para seu sofrimento. Deste modo, enquanto Drane enfatiza a capacidade humana de questionar a si próprio diante do sofrimento, João Paulo II acentua a busca de sentido em relação a Deus. Segundo ele, “o homem não põe esta questão ao mundo, ainda que muitas

²⁵ JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*. São Paulo: Paulinas, 1984. n. 9.

²⁶ DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 45- 49.

vezes o sofrimento lhe provenha do mundo; mas põe-na a Deus, como Criador e Senhor do mundo²⁷”. Ainda acrescenta João Paulo II:

O homem pode dirigir tal pergunta a Deus, com toda a comoção do seu coração e com a mente cheia de assombro e de inquietude; e Deus espera por essa pergunta e escuta-a; como vemos na revelação do Antigo Testamento. A pergunta pelo porquê do sofrimento encontrou a sua expressão mais viva no Livro de Jó²⁸.

A questão em torno do sofrimento também pode ser verificada na busca de um sentido de vida, conforme demonstra o psiquiatra Viktor Frankl. Para ele, nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida comporta um sentido último. “Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas, o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo que o destino e a morte”²⁹.

Narrando a experiência dos seus companheiros, no campo de concentração nazista, Frankl esclarece que pergunta deve ser feita diante do sofrimento:

a maioria preocupava-se com a questão: ‘será que vamos sobreviver ao campo de concentração? Pois, caso contrário, todo esse sofrimento não tem sentido’. Em contraste, a pergunta que me afligia era outra: ‘será que tem sentido todo esse sofrimento, essa morte ao nosso redor? Pois caso contrário, afinal de contas, não faz sentido sobreviver ao campo de concentração”. Uma vida cujo sentido depende exclusivamente de escapar com ela ou não e, portanto, das boas graças de semelhante caso – uma vida dessas nem valeria a pena ser vivida. Pela maneira com que uma pessoa assume seu destino inevitável, assumindo com esse destino todo o sofrimento que se lhe impõe, revela-se, mesmo nas mais difíceis situações, mesmo no último minuto de sua vida, uma abundância de possibilidades de dar sentido à existência³⁰.

²⁷ JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*. São Paulo: Paulinas, 1984. n. 9.

²⁸ *Ibid.*, n. 10.

²⁹ FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. 25ª edição, São Paulo: Sinodal, Vozes, 2007, p. 90.

³⁰ FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. 25ª edição, São Paulo: Sinodal, Vozes, 2007, p. 90.

Na visão do fundador da logoterapia³¹, podemos encontrar o sentido da vida de três formas diferentes: a primeira é criando um trabalho ou praticando um ato que se caracterize como sentido de realização; a segunda é experimentando algo – como a bondade, a verdade e a beleza –, como a natureza e a cultura ou, ainda, experimentando outro ser humano em sua originalidade única, ou seja, amando-o; e a terceira é através da atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável. Sobre essa terceira dimensão – que é a que mais interessa ao fundamento de nosso trabalho – Frankl afirma:

Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque, o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação – podemos pensar numa doença incurável, como um câncer que não se pode mais operar –, somos desafiados a mudar a nós próprios³².

Na realidade, a busca por compreensão e sentido diante do sofrimento se torna uma tarefa interminável, pois sempre estamos num processo de crescimento e ressignificação dos ideais. Assim, Drane ajuda-nos a refletir que, “o esforço para compreender o sofrimento é permanente porque o sofrimento está em toda parte no mundo, e mais no mundo de hoje do que em qualquer momento anterior. Como podemos viver neste mundo de olhos abertos e não fazer um esforço para compreender algo sobre essas terríveis experiências³³?”.

Esta perspectiva também é experimentada pelo cristão ao reconhecer que, o sofrimento não pode ser eliminado, mas, pode conferir um sentido profundamente evangélico: “pode tornar-se um ato de amor; uma entrega total de si nas mãos de Deus que

³¹ Fundada pelo psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl, a Logoterapia é conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. A Logoterapia é um sistema teórico – prático que se concentra no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido.

³² FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. 25ª edição, São Paulo: Sinodal e Vozes, 2007, p. 137.

³³ DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 47.

não nos abandona, e, deste modo, ser uma etapa de crescimento na fé e no amor”³⁴. Nesta dimensão cristã, é possível enfatizar a importância da resiliência como um caminho pedagógico de aceitação e ressignificação do sofrimento, uma vez que, a pessoa resiliente, de modo geral, tende a cultivar um olhar confiante para a esperança, em vista de um futuro melhor que a situação presente. Assim, os sacramentos – especialmente a penitência, a unção dos enfermos e a Eucaristia – se apresentam como fonte renovadora de alegria e resiliência na vida da pessoa que sofre.

Na visão de Frankl, a experiência do sofrimento nos campos de concentração possibilitou-lhe resgatar o sentido antropológico, existencial e espiritual da vida na sua totalidade. Para ele, o sentido da vida se apresenta para além das circunstâncias do sofrimento presente, e este sentido é, sobretudo, espiritual. Para Frankl, sempre e em toda parte, a pessoa está colocada diante da decisão de transformar sua situação de mero sofrimento numa realização interior de valores, ou seja, inerente ao sofrimento, há uma conquista, que é uma conquista interior. A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido³⁵.

Partindo desse pressuposto transcendente, este trabalho percorrerá o caminho da resiliência e da fé cristã, na tentativa de iluminar o sofredor na busca pelo sentido da existência diante do próprio sofrimento. Assim, tendo apresentado, ainda que de forma sucinta, uma visão antropológica do sofrimento, sua universalidade e a pergunta humana pelo sentido face às dores e adversidades, neste segundo capítulo o foco se volta para o sofrimento na perspectiva bíblica, enfatizando-se as principais tentativas de compreensão e interpretação.

³⁴ PAPA FRANCISCO. *Lumen Fidei*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013, n. 56.

³⁵ FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. 25ª edição, São Paulo: Sinodal, Vozes, 2007, p. 89.

2. O SOFRIMENTO NA PERSPECTIVA BÍBLICO-CRISTÃ

Neste capítulo, apresenta-se, primeiramente, uma visão geral sobre a compreensão de sofrimento no Antigo Testamento, bem como as formas de interpretação mais comuns da época, dando um destaque na experiência do justo Jó. Em seguida, o sofrimento é abordado na perspectiva do Novo Testamento, com notável acento na figura de Jesus Cristo e do apóstolo Paulo.

2.1 O SOFRIMENTO NO ANTIGO TESTAMENTO: PERSPECTIVAS E INTERPRETAÇÕES

O Antigo Testamento retrata as experiências de sofrimento sob formas bem diversificadas, sobretudo quando se trata do sofrimento moral, em situações como: o perigo de morte (cf. Is 38,1-3); a morte dos próprios filhos (Gn 15,16; Gn. 37,33-35; 2Sm 19,1) e especialmente a morte do filho primogênito e único (Tb 10, 1-7; Jr. 6,26; Am. 8,10; Zc 12,10); e depois também: a falta de descendência (Gn 15,2; 30,1; 1Sm. 1, 6-10); a saudade da pátria (Sl 137); a perseguição e a hostilidade do meio ambiente (Sl 22,17-21; Jr 18,18); o escárnio e a zombaria em relação a quem sofre (Jó 19, 18; 30, 1. 9; Sl 22,7-9; Sl 42, 11; Sl 44,16-17; Jr 20,7; Is 53,3); a solidão e o abandono (Sl 22,2-3; Sl 31,13; Sl 38, 12; Sl 88,9.19; Jr. 15, 17; Is 53, 3); e ainda outros, como: os remorsos de consciência (Sl 51,5; Is 53,3-6; Zc 12,10); a dificuldade em compreender a razão por que os maus prosperam e os justos sofrem (Sl 73,3-14); a infidelidade e a ingratidão da parte dos amigos e vizinhos (Jó 19, 19; Sl 41,10; Sl 55,13-15; Jr 20,10; Eccl 37,1-6); e, finalmente, as desventuras da própria nação (Sl 44,10-17; Is 22,4; Jr 4,8; 13,17; Ez 9,8.21,11-12; Dn 3,31-40; Dn 9,16-19).

Sofrer é parte integrante da condição fundamental do ser humano, mas, ao mesmo tempo, faz parte também a luta esperançosa em vista da ausência de sofrimento. As Sagradas Escrituras enfrentam o sofrimento com estratégias de resolução muito diversificadas que podem ser subsumidas sob as palavras-chave: lamentação, consolo, o

suportar, resistência e explicação³⁶. Como não existia no vocabulário da época uma palavra específica para designar o sofrimento, definia-se como mal tudo aquilo que era sofrimento. Estas duas terminologias – mal e sofrimento – eram postas como identidade³⁷.

O Antigo Testamento circunscreve o sofrimento por sinônimos ou metáforas, como por exemplo: dor, amargura, golpe, doença, fraqueza, tormento, medo, desgraça, estar curvado, fadiga, aflição etc. Um exemplo disso é o salmo 22, rico em metáforas, no qual a pessoa orante vê-se encurralada por animais ameaçadores como búfalos, leões e cães, e sente-se derramada como água³⁸.

É importante observar, ainda, que o sofrimento no Antigo Testamento é visto em relação causal com Deus, ou seja, é a expressão de uma relação perturbada com Deus. O sofrimento pode ser percebido como uma atenção da parte de Deus que não acontece ou, de forma mais aguda, como uma atuação divina que fere o ser humano. Por isso, o lugar genuíno em que se verbaliza o sofrimento é a lamentação (cf. Jr 15,18).

Para o Antigo Testamento, todas as formas de redução da vida são experimentadas como sofrimento, particularmente doenças e dores, pobreza material, aflição por inimigos, falta de filhos e filhas e falta de direito e justiça. A conduta humana, portanto, é decisiva para a explicação do sofrimento. A percepção básica é que há uma relação justa entre a atuação e o destino do ser humano. Ademais, a questão crucial acerca do sofrimento no Antigo Testamento é o princípio da retribuição divina pelos nossos atos:

Ou a pessoa atingida é responsável pelo sofrimento, de modo que este é causado por sua própria culpa e é a consequência do pecado; ou a pessoa orante é “justa”, isto é, sem culpa que possa justificar a redução de sua vida (como no caso de Jó). Nesse caso, a base do sofrimento é o fato de que Deus não se volta para a pessoa ou o de que ele se afastou dela. No Antigo Testamento ambos os modelos ocorrem

³⁶ BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (Orgs). *Dicionário de termos Teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. Paulus, Loyola, 2011, p. 436.

³⁷ Cf. JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*. São Paulo: Paulinas, 1984. n. 7.

³⁸ BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (Orgs). *Dicionário de termos Teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. Paulus, Loyola, 2011, p. 436.

da mesma maneira. Já a história dos primórdios explica o sofrimento como pecado (Gn 3, 14-19; 6, 5-8; 9, 22-27). Contudo, o sofrimento pode ser evitado e/ou terminado por meio de conversão e arrependimento³⁹.

O Antigo Testamento desenvolveu diferentes modelos para explicar o sofrimento do justo. Ao lado da didática que interpreta o sofrimento como medida pedagógica de Deus (cf. Pr 3,12; Jó 36) ou como uma prova colocada por Deus (cf. Gn 22; Jó 1; Eclo 2,4s; Sb 3,5s) encontra-se a interpretação do sofrimento como vicário, especialmente no caso de Moisés (cf. Ex 33) e do servo sofredor (cf. Is 53). O pano de fundo de todas as tentativas de explicação é, portanto, a esperança na eliminação do sofrimento (cf. Is 25,8; 35, 4-10). O sofrimento permanece adverso à criação e a Deus e reforça o clamor pela intervenção libertadora e salvífica de Deus (cf. Sl 25, 22; 44,26s; 69,19s).

Nos escassos textos do Antigo Testamento que falam de “um calar-se”, de um “ficar quieto”, do sofredor (cf. Sl 37, 7; 38, 14s; 39, 3; Jó 40, 4; 42, 2-6) nem sempre é possível discernir se se trata de uma desistência de toda interpretação do sofrimento, ou de profunda confiança em Deus. Normalmente, porém, a confiança do piedoso em Deus é surpreendentemente ativa (cf. Sl 31; 62), parecida com a renúncia à interpretação e à suposição de que todo sofrimento é a consequência de um ato pecaminoso (cf. Pr 29, 6; Sl 7, 17; 109, 17-19). Sem dúvida essa máxima não é destituída de veracidade, mas ela não poderá explicar todo e qualquer sofrimento⁴⁰. A tese de que, ao ver o sofrimento, Deus muda de ideia (cf. Jr 8, 21), não está longe da opinião de que o sofrimento vale como meio de expiação (cf. Is 52, 13-53, 12; Zc 12, 10-14; Dn 3, 39s; 2Mc 7, 37s).

Em contexto teológico, dizer que o sofrimento é consequência do pecado leva a ver Deus como Juiz supremo, que retribui a cada um segundo seus atos (cf. Sl 7, 12; 62, 13). Também esse pensamento não deve ser relativizado precipitadamente, pois ajuda a limitar o sofrimento. Outra interpretação tenta entender a dor e a infelicidade como instrumento pelo

³⁹ BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (Orgs). *Dicionário de termos Teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. Paulus, Loyola, 2011, p. 437.

⁴⁰ BAUER, Johannes B. *Dicionário Bíblico Teológico*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 416.

qual Deus educa. Também esse pensamento pode permitir uma elaboração positiva do sofrimento. Pela dor, o homem pode aprender a compreender seus limites⁴¹.

Portanto, a forma mais madura de interpretação do sofrimento encontra-se lá onde o sofredor entrega o sofrimento àquele que é mais forte; onde ele acredita que Deus vela também sobre os caminhos da escuridão e se conforma com o fato de que o plano de Deus é inescrutável, conforme podemos acompanhar na história de Jó (cf. Jr 29, 11; Sl 31, 16; Jó 42, 1-6).

Diante do sofrimento, os amigos de Jó procuram justificar a atuação de Deus com referências a pecados de Jó (cf. Jó 4, 7; 11, 6; 15, 5), mas fracassam porque nele não há culpa (cf. Jó 10, 6s; 33,9; 34,6). Deste modo, o sofrimento inocente faz que se rompa a relação entre ação e destino ou, dito diferentemente, desloca a responsabilidade do sofrimento para o lado de Deus. Também esta opção de culpar Deus (cf. Is 45,7), que é o outro lado da opção de des-culpar o ser humano atingido por sofrimento, chega a seus limites, como procura demonstrar o livro de Jó.

Ao ouvir a justificativa de seus amigos, Jó contesta a verdade do princípio que identifica o sofrimento com o castigo do pecado; e faz isso se baseando na própria situação. Ele, efetivamente, tem consciência de não ter merecido semelhante castigo; e, por outro lado, vai expondo o bem que praticou durante a vida. Por fim, o próprio Deus desaprova os amigos de Jó pelas acusações e reconhece que Jó não é culpado. Trata-se do sofrimento de um inocente: “deve ser aceite como um mistério, que o homem não está em condições de entender totalmente com a sua inteligência⁴²”.

Todavia, os discursos divinos, assim como todo o Antigo Testamento, não dão uma resposta pronta e acabada à pergunta “porque Deus permite o mal e o sofrimento humano?”, conforme sinalizou João Paulo II:

⁴¹ BAUER, Johannes B. *Dicionário Bíblico Teológico*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 416.

⁴² JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*. São Paulo: Paulinas, 1984. n. 11.

O Livro de Jó põe de modo perspicaz, a pergunta sobre o “porquê” do sofrimento; e mostra também que ele atinge o inocente, mas ainda não dá a solução ao problema. No Antigo Testamento notamos uma orientação que tende a superar o conceito segundo o qual o sofrimento teria sentido unicamente como castigo pelo pecado, ao mesmo tempo que se acentua o valor educativo da pena-sofrimento. Deste modo, nos sofrimentos infligidos por Deus ao povo eleito está contido um convite da sua misericórdia, que corrige para levar à conversão⁴³.

A pergunta pelo sentido do sofrimento também fazia parte das inquietações de Jó. Segundo Lourenço, Jó é, acima de tudo, um livro de inquietação que convida à esperança e fortalece na busca do rosto de Deus, mesmo para além dos obstáculos que a fragilidade humana e as contradições da história colocam⁴⁴. Segundo esse autor, a primeira questão que o livro, mais que o personagem Jó em si, procura entender é esta: qual o sentido do sofrimento?

Quase sempre nos perguntamos pelo por quê. É assim nas culturas tradicionais, é assim também nesta obra através da representatividade dos chamados ‘amigos de Jó’. Para estes, discutem-se as causas, as motivações, donde vem e quem está na origem do sofrimento de Jó. Jó, ao contrário, questiona-se sobre o sentido, o fim do processo e não sobre a sua gênese. Para onde nos conduz o sofrimento? Quais as possibilidades de olhar a Deus, esperar e crer n’Ele para além da experiência da dor e da angústia⁴⁵?

Lourenço⁴⁶ ressalta que, a resposta que Jó procura, ao contrário dos seus amigos, não se encontra ao nível da sensibilidade existencial traduzida pela mentalidade popular; ele procura algo que se situa já na fronteira do divino, ou seja, algo que está para além do sofrimento, sendo este apenas a experiência que abre caminho na sua busca. Para os amigos de Jó, sofrimento é castigo: se alguém sofre, sofre porque é pecador (Jó 34, 11).

⁴³ JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*. São Paulo: Paulinas, 1984. n. 12.

⁴⁴ LOURENÇO, João Duarte. *O sofrimento no pensamento bíblico*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006, p. 84.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 84.

⁴⁶ LOURENÇO, João Duarte. *O sofrimento no pensamento bíblico*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006, p. 85.

Baseado nesta moral, de cunho retributiva, fundamentada na experiência humana e defendida pela doutrina tradicional, Jó se vê confrontado. Mas, à sua experiência pessoal contrapõe-se o que defendem os seus interlocutores. Tal como estes, Jó acolhe o sofrimento, sente-o, mas não aceita a sua fundamentação, nem se conforma com a explicação mais vulgar. Por isso, o que Jó requer de Deus, antes de mais, é uma ‘explicação’ para além daquelas que lhe são propostas pelos amigos, uma vez que estas não o convencem nem estão conformes à bondade do Deus em quem ele acredita⁴⁷.

À luz do seu sofrimento, Jó descobre simplesmente o sofrimento do ser humano. Desse modo, se bem observarmos, Jó não é alguém sobre quem casualmente, caiu um sofrimento fora do comum, mas uma pessoa que vivenciou e padeceu, a seu modo, o sofrimento que está vizinho a todos os seres humanos.

Neste aspecto, há alguma convergência entre os diversos escritos do ‘corpus’ sapiencial, tais como Jó, Sabedoria e alguns dos Salmos sapienciais. Mas é fundamentalmente ao livro de Jó que devemos a configuração do justo que sofre em busca do rosto de Deus, do justo que não se acomoda a uma aceitação pacifista ou fatalista do sofrimento. Ao contrário, procura conhecer suas causas numa dimensão que está para além dos sentidos ou das meras tradições recebidas.

Embora o livro de Jó seja interessante e propício à interpretação do drama do sofrimento humano, ele não é a última palavra da Revelação sobre este tema. É um anúncio, de certo modo, da Paixão de Cristo. Entretanto, só por si, já é argumento suficiente para que a resposta à pergunta sobre o sentido do sofrimento não fique ligada, sem reservas, à ordem moral baseada somente na justiça.

Com efeito, somente em Jesus Cristo encontram sentido e fundamento as três perguntas de Jó descritas no capítulo 14: “Quem fará sair o puro do impuro? Ninguém!” (v.

⁴⁷ LOURENÇO, João Duarte. *O sofrimento no pensamento bíblico*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006, p. 85.

4); “O homem, porém, morre e jaz inerte; expira o mortal, e onde está ele?” (v. 10); “pois, se alguém morre, poderá reviver?” (v. 14).

Acerca da primeira pergunta, o Novo Testamento vai mostrar que Cristo pagou pela penalidade nossos pecados e trocou-a por sua justiça, tornando o ser humano aceitável aos olhos de Deus, pois, “se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que ele se fez realidade nova” (cf. 2Cor 5, 17; cf. Hb 10, 14, Cl 1,21-23,). A segunda pergunta é, pois, acerca da eternidade, vida e morte que é respondida apenas em Cristo. Sem ele, a resposta é uma eternidade nas “trevas” onde há “choro e ranger de dentes” (cf. Mt 25,30). Finalmente, a terceira pergunta, que também só em Cristo pode ser plenamente compreendida: “Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura: a morte foi absolvida na vitória. Morte, onde está a tua vitória? Morte onde está o teu aguilhão?” (cf. 1Cor 15, 54-55).

2.2 Jesus Cristo: o sofredor que liberta

Para além das interpretações descritas no Antigo Testamento, o Novo Testamento desenvolve a experiência do sofrimento e sua interpretação a partir do evento do Cristo⁴⁸. “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (cf. Jo 3,16). Cristo, portanto, torna-se o modelo perfeito de sofredor.

Com efeito, as narrativas dos evangelhos comprovam a profundidade de seu sofrimento e de suas terríveis dores. Ele sofre no Getsêmani (cf. Lc 22,44), sofre com a

⁴⁸ Todavia, esse caráter específico da teologia do sofrimento neotestamentário não deve fazer esquecer que o Novo Testamento mantém em sua memória a experiência do Antigo Testamento em toda sua amplitude, e dela lança mão na interpretação do sofrimento de Cristo. Basta compararmos os seguintes textos para perceber a relação: Mt 2, 18 com Jr 31, 15; Ex 1, 22-Mt 8, 17 com Is 53, 4-Mc 12, 1ss com Is 5 – as histórias da Paixão com Sl 22; 69; Sb 2; 5 – Tg 5, 10s com Jó – 1Pd 3, 10s com Sl 34 – 1Pd 1, 24 com Is 40, 6-8; ver também Lc 4; Hb 11, 35-38.

flagelação e a coroa de espinhos (cf. Lc 23,1-25, João 19,1-17), sofre na caminhada até o calvário (cf. Lc 23, 26-32) e sofre profundamente na crucificação (cf. Lc 23.33-49, Jo 19, 18-37), vivenciando – não diferentemente dos seres humanos – o sentimento de abandono e completo desamparo, que o fez dizer: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (cf. Mt 27, 46).

Pode-se dizer que com a paixão de Cristo todo o sofrimento humano veio a encontrar-se numa nova situação. Parece mesmo que Jó a tinha pressentido, quando dizia: ‘Eu sei que o meu Redentor está vivo...’, e que para ela tivesse orientado o seu próprio sofrimento que, sem a Redenção, não teria podido revelar-lhe a plenitude do seu significado. Na Cruz de Cristo, não só se realizou a Redenção através do sofrimento, mas também o próprio sofrimento humano foi redimido. Redenção, que se realizou mediante o sofrimento de Cristo. O Redentor sofreu em lugar do homem e em favor do homem. Todo o homem tem uma sua participação na Redenção. E cada um dos homens é também chamado a participar naquele sofrimento, por meio do qual se realizou a Redenção; é chamado a participar naquele sofrimento, por meio do qual foi redimido também todo o sofrimento humano. Realizando a Redenção mediante o sofrimento, Cristo elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível de Redenção. Por isso, todos os homens, com o seu sofrimento, se podem tornar também participantes do sofrimento redentor de Cristo⁴⁹.

É, portanto, da cruz de Cristo que deve partir o cristão que sofre, a fim de encontrar nele a força e a confiança diante de suas dores. É na vida de Cristo que melhor se pode reconhecer a essência da dor, ou melhor, a renúncia dolorosa à vontade em conformidade com a vontade de Deus⁵⁰. Jesus, pelo seu sofrimento, transformou o mistério do sofrimento humano em “mistério de salvação”. O sofrimento e a dor são também como que, “o pão nosso de cada dia”. Jesus o transformou em matéria de salvação, por isso, muitos homens e mulheres mudaram de vida radicalmente por causa da dor. O sofrimento, agora, é o mesmo sofrimento de Cristo⁵¹.

O mistério do sofrimento humano, não pode ser compreendido senão em relação com o mistério de Jesus e de sua cruz. Neste sentido, pode-se afirmar que, não apenas o

⁴⁹ JOÃO PAULO II, *Salvifici Doloris, sobre o sentido cristão do sofrimento*. São Paulo: Paulinas, 1984, n. 19.

⁵⁰ GRÄF, Richard. *O cristão e a dor*. São Paulo: Quadrante, 2007, p. 61.

⁵¹ BOUGAUD, Monsenhor. *A dor*. São Paulo: Cléofas, Cultor de livros, 2015, p. 6.

sofrimento humano é universal, mas também o sofrimento de Cristo aponta para uma universalidade. Nos sofrimentos de Cristo estão antecipados, portanto, os sofrimentos do mundo inteiro e experimentados substitutivamente⁵².

Nesta perspectiva, podemos afirmar que o sofrimento de Jesus é um acontecimento universal, conforme destacou Tanqueray, embasado no pensamento de São Tomás:

A dor experimentada na Paixão de Jesus foi universal, não por ter ele suportado todos os sofrimentos possíveis, mas por ter suportado todos os tipos de sofrimento que vivenciamos nesta vida. Se consideramos as pessoas que o fizeram sofrer, não há um só grupo que não tenha contribuído para sua Paixão: judeus e gentios, príncipes dos sacerdotes e simples israelitas, todos se encarniçam contra ele; entre seus apóstolos, Judas o trai, Pedro o nega, e todos, com exceção de João, o abandonam. Se considerarmos os bens de que foi privado, Jesus sofreu em sua reputação e em sua honra pelas calúnias, as injúrias, as blasfêmias, os escárnios de que foi vítima; sofreu em suas afeições ao ver-se abandonado por seus amigos mais queridos; em sua alma, triste e angustiada até à morte; em seu corpo, despojado de suas vestes, flagelado, corado de espinhos e, finalmente, crucificado⁵³.

Segundo Drane, os sofrimentos de Jesus, anunciados pelos profetas, são tão minuciosamente descritos nos quatro evangelhos que a sua vida inteira nos aparece como um longo e contínuo martírio. Os sofrimentos de Cristo, portanto, estão intimamente relacionados aos sofrimentos humanos. A este respeito, Drane explica:

No evangelho de Marcos, o sofrimento de Jesus é vinculado ao sofrimento dos pobres, marginalizados e perseguidos, com quem ele se relacionou ao longo de sua vida. Ele veio para 'dar a sua vida em resgate por muitos' (Mc 10, 45). No evangelho de Lucas, o sofrimento de Jesus é vinculado a suas posições proféticas: seu trabalho pela justiça social, pela libertação dos pobres e oprimidos. No evangelho de João, o sofrimento de Jesus era uma expressão do amor. 'Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos' (Jo 15, 13). Toda a vida de Jesus foi uma busca pelos que sofriam, e seu próprio sofrimento foi mais uma expressão do amor e do cuidado que definiram sua vida⁵⁴.

⁵² MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, p. 214. Apud ALMEIDA, Edson Fernando de. *Do viver apático ao viver simpático*, São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 73.

⁵³ TANQUEREY, Adolphe. *A divinização do sofrimento*. São Paulo: Cultor de livros, 2014, p. 13, 14.

⁵⁴ DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento*, São Paulo: Paulus, 2014, p. 76-77.

O sofrimento que Jesus suportou pela humanidade oferece uma maneira de compreensão do sofrimento em todas as dimensões da vida humana. Assim, a boa notícia dos evangelhos é que o sofrimento e a morte de Jesus têm sentido, e o mesmo acontece com o sofrimento de cada pessoa. Pede-se, portanto, que os cristãos imitem a Jesus, que tomem a sua cruz e o sigam:

O sofrimento de Jesus é oferecido pelos autores das Escrituras como uma fonte de sentido. Sofrer na literatura bíblica cristã é algo ligado à salvação. A mensagem é que o bem e a vida, em vez do sofrimento e da morte, são, no final, triunfantes. Se Jesus sofreu e morreu e depois viveu, há algo mais para a vida de seus seguidores, e tudo o que é bom e belo é preservado⁵⁵.

A experiência de Jesus, portanto, fornece uma verdadeira compreensão do sofrimento. Não exige que a realidade seja remodelada para eliminá-lo. Toma um mundo imperfeito e uma existência personificada tal como são. No entanto, vivendo na fé e na esperança, essa realidade tem outra fase: “alegria, vida e felicidade eterna”⁵⁶. Isso é explicitado pelo Catecismo⁵⁷, ao afirmar que Deus Pai revelou sua Onipotência da maneira mais misteriosa no rebaixamento voluntário e na Ressurreição de seu Filho, pelos quais venceu o mal. Foi na Ressurreição e na exaltação de Cristo que o Pai ‘desdobrou o vigor de sua força’ e manifestou ‘que extraordinária grandeza reveste seu poder para nós, os que cremos’ (cf. Ef 1,19-22).

Portanto, o sofrimento de Jesus lança um convite desafiador a seus seguidores: encarar o sofrimento com sentido, sem jamais perder a alegria e a esperança na ressurreição, com a mesma confiança do apóstolo Paulo, que disse: “Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança a virtude comprovada e a virtude comprovada a esperança” (cf. Rm 5,3-4). É imbuído dessa mesma fé e entusiasmo que cada cristão deve assumir a sua cruz diária. Só assim, os

⁵⁵ DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento*, São Paulo: Paulus, 2014, p. 77.

⁵⁶ *Ibid.* p. 76.

⁵⁷ Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000, §272, p. 81.

sofrimentos serão superados com a força da resiliência e da esperança que não decepciona (cf. Rm 5,5).

Por seus sofrimentos, portanto, o cristão entra em comunhão com Cristo em sua Paixão⁵⁸; no dizer do apóstolo Paulo, “é Cristo que vive nele” (cf. Gl 2, 19s). Perseguir os cristãos é o mesmo que perseguir Jesus (cf. At 9, 4s). A comunhão com Cristo dá sentido ao sofrimento; por isso, ninguém procura seu próprio sofrimento. Sofrer, no entanto, não é nada de extraordinário para o cristão (cf. 1Pd 4, 12ss).

Para Marcos, por exemplo, seguimento é entrar no seguimento do sofrimento de Jesus Cristo. O messianismo de Jesus é vinculado ao sofrimento; uma ligação com ele realizada no seguimento significa sofrer junto com ele, algo que se evidencia, por exemplo, na palavra pós-pascal sobre carregar a cruz (Mc 8, 34). A ideia de que o seguimento esteja ligado ao sofrimento foi adotada já no Novo Testamento, por exemplo, de modo mais explícito, em 1 Pedro 2, 18-25; 3, 13-17; 4, 13-16; 5, 9s⁵⁹.

O sofrimento por causa de Jesus está muito relacionado com a causa assumida pelo próprio Jesus (“Por causa de mim e do evangelho”, Mc 8, 35). A mensagem de Cristo e seu sofrimento são inseparáveis⁶⁰. O sofrimento nasce da missão divina e do serviço de Deus, por exemplo, em 2 Cor 6, 4: “Recomendamo-nos em tudo como ministros de Cristo”. O próprio Paulo, porém, adverte-nos que não devemos sobrestimar os sofrimentos apostólicos, quando atribui aos Coríntios “os mesmos sofrimentos” (cf. 2 Cor 1, 6). Professar a fé publicamente provoca sofrimento e perseguição (cf. Ap 3, 14; 6, 9; 20, 4). O que agrava mais o sofrimento é o conteúdo do evangelho: o “sim” de Deus a todos os homens, não apenas aos fieis cumpridores da Lei (cf. Mc 2-3; Rm 4-5). Os cristãos nadam contra a correnteza; isso leva a conflitos (cf. 1 Pd 4, 4).

⁵⁸ Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000, n. 1521, p. 417.

⁵⁹ BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (Orgs). *Dicionário de termos Teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2011, p. 438.

⁶⁰ BAUER, Johannes B. *Dicionário Bíblico Teológico*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 417.

Portanto, sobre as reações ao sofrimento⁶¹, o Novo Testamento mostra que os cristãos não apenas procuram compreender o sofrimento, na fé, mas lutam contra ele onde é possível. Soluções falsas são evitadas⁶². Dão-se conselhos para evitar sofrimento (cf. Lc 6, 28; 1Tm 6, 8s). Jesus aconselha a fugir do sofrimento (cf. Mt 10, 23). Ele mesmo se lhe subtrai (cf. Jo 8, 59). Em se tratando do sofrimento alheio exige-se uma praxe que possa vencê-lo (cf. Mc 1, 40s; Lc 14, 13; 17, 11ss). A atitude compassiva de Jesus em relação aos sofredores impele os discípulos a agir do mesmo modo. No terceiro capítulo, a partir da Parábola do Bom Samaritano, analisaremos o modo como Jesus acolhe e ensina acolher e amar o sofredor.

Na próxima seção se verá como a experiência própria do sofrimento pode levar à solidariedade em relação às dores e sofrimentos do próximo. Isso se fará mediante análise do testemunho do apóstolo Paulo, que mesmo não tendo vivido com seu Mestre, identificou-se com ele também no sofrimento.

2.3 O sofrimento em São Paulo

Em Paulo é possível analisar mais de perto a correlação entre o sofrimento de Jesus e dos cristãos. Foi ele quem, certamente, melhor relacionou os sofrimentos dos cristãos com a Paixão e morte de Jesus, fornecendo também a fundamentação teológica para a analogia entre o destino do Cristo e o dos seus seguidores.

Para o apóstolo Paulo, o sofrimento permanece basicamente um mal que deve ser eliminado, mas ele o integra teologicamente na existência cristã como a realidade do mundo⁶³. As raízes biográficas disso residem em sua “fraqueza”, uma experiência pessoal de sofrimento do apóstolo. Para Paulo, reveses e obstáculos em sua atividade missionária,

⁶¹ BAUER, Johannes B. *Dicionário Bíblico Teológico*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 418.

⁶² *Ibid.*, p. 418.

⁶³ BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (Orgs). *Dicionário de termos Teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*, Paulus, Loyola, 2011, p. 438-439.

bem como as fadigas especiais a eles relacionadas, significam uma forma especial do sofrimento com o mundo (cf. Rm 9, 2; 2Tm 2, 9-11).

Como sofre por causa do evangelho (cf. 2Cor 12, 10), o Apóstolo considera seu sofrimento uma participação no sofrimento de Cristo (cf. 2Cor 1, 5; Gl 6, 17; Fl 2, 10), sem que isso diminua o ato expiatório vicário na cruz (cf. 1Cor 1, 13). Ao contrário, a semelhança ao sofrimento de Cristo torna maior a proximidade com Cristo, a mensagem da fé mais autêntica e até mesmo o sofrimento de Cristo visível em Paulo (cf. 2Cor 4, 10).

Para Paulo, portanto, comprometer-se inteiramente com o serviço a Cristo significa também uma disposição para o sofrimento, que é elucidada no exemplo do apóstolo, quando este convida ao seguimento no sofrimento: “Sofre junto comigo, como um bom soldado de Cristo (cf. 2Tm 2, 3)”. Todo o homem tem sua participação na Redenção. E cada um dos homens é também chamado a participar naquele sofrimento, por meio do qual se realizou a Redenção; é chamado a participar naquele sofrimento, por meio do qual foi redimido também todo o sofrimento humano⁶⁴.

Ademais, o apóstolo reconhece e acredita que, para além das adversidades e tribulações há uma promessa de felicidade eterna muito maior, visto que, “os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós” (cf. Rm 8, 18).

As experiências do Apóstolo participante nos sofrimentos de Cristo, no entanto, vão ainda mais longe. Na Carta aos Colossenses podemos ler as palavras que representam como que a última etapa do itinerário espiritual em relação ao sofrimento. São Paulo escreve: ‘Alegro-me nos sofrimentos suportados por vossa causa e completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja⁶⁵’.

O pensamento de Paulo acerca do “sofrer com Cristo” comumente se funde com o do “morrer com Cristo”. Em realidade, ele trata todos os sofrimentos como morrer, e

⁶⁴ JOÃO PAULO II, *Salvifici Doloris*. São Paulo: Paulinas, 1984, n. 19.

⁶⁵ *Ibid.*, n. 24.

caracteriza-os por este termo. Na visão de Paulo, “o morrer que o crente experimenta com Cristo se manifesta no sofrimento que destrói, ou tenta destruir, sua vida”⁶⁶. Contudo, o apóstolo reconhece que, sofrer com é ter já a certeza da vitória. “O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo, pois sofremos com ele para também com ele sermos glorificados” (cf. Rm 8, 16-17).

Segundo Schweitzer⁶⁷, Paulo costuma falar de “um morrer”, onde ele poderia, mais logicamente, falar somente de sofrimento. Deste modo, a fim de tornar o paradoxo completo, Paulo expressa o “morrer” como ser crucificado e sepultado com Cristo. Para o apóstolo, o sinal de pertencer a Cristo é o sofrimento, como mostram as seguintes citações:

Dia a dia morro! (1 Cor 15, 31); Fomos, pois sepultados com ele na morte pelo batismo (Rm 6, 4); Se já morremos com Cristo (Rm 6, 8); Considerai-vos mortos para o pecado (Rm 6, 11); Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo (Rm 7, 4); Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto (Rm 8, 10); Levando sempre no corpo o morrer de Jesus (2 Cor 4, 10); Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus (2 Cor 4, 11); Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo (Gl 6, 14); Estou crucificado com Cristo (Gl 2, 19); Quanto ao mais, ninguém me moleste; porque eu trago no corpo as marcas de Jesus (Gl 6, 17).

O Apóstolo Paulo passou por terríveis sofrimentos, especialmente por ocasião de suas viagens missionárias. Ele próprio faz questão de relatá-los em Cor 11, 23-28:

São ministros de Cristo? Como insensato, digo: muito mais eu. Muito mais, pelas fadigas; muito mais, pelas prisões; infinitamente mais, pelos açoites; muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos dos ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de estirpe, perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos dos falsos irmãos! Mais ainda: fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede, múltiplos jejuns, frio e nudez! E isto sem contar o mais: a minha preocupação

⁶⁶ SCHWEITZER, Albert. *O misticismo de Paulo o apóstolo*. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 181.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 183.

cotidiana, a solicitude que tenho por todas as igrejas? Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem cai, sem que eu também fique febril?.

Além de aprisionamentos, apedrejamentos, açoitamentos e surras, Paulo ainda sofria pelas preocupações com os sofrimentos dos seus; devia suportar uma carga excessiva de preocupações mentais e espirituais. Mas, Paulo entendia o significado de todo o seu sofrimento, sobretudo porque ousava falar a verdade acerca do significado da Cruz⁶⁸. Eis a razão de sua entusiástica e confiante afirmação: “Com todo o ânimo prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que pouse sobre mim a força de Cristo. Por isto, me comprazo nas fraquezas, nos opróbios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte” (cf. 2Cor 9-10).

As experiências de participação do Apóstolo nos sofrimentos de Cristo, no entanto, vão ainda mais longe. Na Carta aos Colossenses podemos ler as palavras que representam como que a última etapa do itinerário espiritual em relação ao sofrimento. São Paulo escreve à comunidade de Colossa: “Agora regozijo-me nos meus sofrimentos por vós, e completo o que falta às tribulações de Cristo em minha carne pelo seu Corpo, que é a Igreja⁶⁹” (cf. Cl 1,24).

Paulo, finalmente, ajuda-nos a entender que, não é a comunhão com o pecado, mas a comunhão com Cristo que arrasta os cristãos para dentro de seus sofrimentos e os faz “participar” dos sofrimentos de Cristo, “para conhecê-lo, conhecer o poder da sua ressurreição e a participação nos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte, para ver se alcanço a ressurreição de entre os mortos” (Fl 3, 20-11). Em 2Cor 1,5-8 temos que:

⁶⁸ SCHWEITZER, Albert. *O misticismo de Paulo o apóstolo*. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 194.

⁶⁹ Cf. Bíblia de Jerusalém: “Colossenses não diz que Cristo não cumpriu tudo o que tinha de cumprir (1,19-20,22; 2,9-10.13-14;3,1) nem que não sofreu o bastante, para que o Apóstolo deva levar ao cumprimento os sofrimentos redentores pela Igreja: pois então a mediação de Cristo não seria perfeita, e a Epístola não cessa de dizer o contrário. O que Paulo deve levar a termo é seu próprio itinerário apostólico, que chama de ‘tribulações de Cristo em minha carne’ e que reproduz o de Cristo em sua maneira de viver e de sofrer por causa e pelo anúncio do Evangelho e pela Igreja” (Nota de rodapé “h”, p. 2055).

Na verdade, assim como os sofrimentos de Cristo são copiosos para nós, assim também por Cristo é copiosa a nossa consolação. Se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação que somos. Se somos consolados, é para vossa consolação, que vos faz suportar os mesmos sofrimentos que também nós padecemos. E a nossa esperança a vosso respeito é firme: sabemos que, compartilhando os nossos sofrimentos, compartilhareis também a nossa consolação.

Segundo o Apóstolo, portanto, se morte e ressurreição de Jesus estão relacionadas, então a inclusão no destino de Cristo implica também a participação em sua vida⁷⁰, pois, “incessantemente e por toda parte trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus, a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo (2Cor 4,10). E, assim como o poder de Deus se manifestou vitorioso justamente naquele que morre em fraqueza, Paulo pode e deve falar da plenitude de seus sofrimentos, mas também da plenitude de seu consolo (2Cor 1,5).

Deste modo, da mesma forma como o “morrer de Jesus” se manifesta no sofrimento, assim também a “vida de Jesus” se revela no “não desesperar” e “não ser desamparado” (2Cor 4,10). Se a morte de Jesus determina a existência cristã, o mesmo se aplica à sua ressurreição. “como se estivéssemos morrendo, e eis que vivemos” (2Cor 6,9). O poder vivificante de Deus é experimentado precisamente nas situações de desespero. É exatamente na fraqueza que se aperfeiçoa a graça (2Cor 12,9).

Os cristãos de todas as épocas tentaram seguir o exemplo de Jesus e dos apóstolos. Santos e mártires não infligiam mal ou sofrimento, mas antes os aceitava a fim de fazer surgir o bem. Os santos e todos os verdadeiros seguidores de Jesus recordam da lição básica ensinada ao longo de todas as Escrituras: o mal e o sofrimento são uma realidade presente, mas não são definitivos para o cristão. Há uma vida depois da morte e, por isso mesmo, ele acredita que a alegria triunfará sobre todo sofrimento humano.

⁷⁰ GERSTENBERGER, Erhard, S; SCHRAGE, Wolfgang. *Por que sofrer? O sofrimento na perspectiva bíblica*. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2007, p. 142.

Nesta perspectiva de confiança na eternidade feliz surge o paradigma da resiliência como uma centelha de luz no horizonte do ser humano, capaz de ajudá-lo a encarar os percalços do tempo presente, com fé e esperança, reconhecendo em si os dons e potencialidades que Deus lhe concedeu, para lutar contra os reveses e obstáculos do caminho. Para a resiliência, as forças do humano e do divino em cada ser humano, se entrelaçam e fazem-no compreender que, na vida do cristão, a dor e o sofrimento não têm a última palavra, pois Cristo já deu provas disso em sua glória e ressurreição.

3. RESILIÊNCIA: ORIGEM, CONCEITO E PERSPECTIVAS

Neste último capítulo apresentar-se-á o paradigma da resiliência em seus aspectos históricos e conceituais. Pela amplitude do conceito, a resiliência permite a abordagem sob muitos enfoques, contudo, optou-se por apresentá-la em sua relação com a espiritualidade e a esperança cristã, uma vez que estas são consideradas por estudiosos da área como elementos basilares para o processo de resiliência e na busca do sofredor por um sentido na vida. Por fim, refletir-se-á acerca da prática pastoral, levando-se em conta os desafios, perspectivas e necessidades de promover a resiliência no contexto da “Igreja em saída”.

3.1 Resiliência: para uma compreensão histórica e conceitual

A temática da resiliência, enquanto realidade conceitual é relativamente recente. Contudo, enquanto realidade humana é possível que esta seja tão antiga quanto à própria humanidade. É provável que o fenômeno da resiliência exista desde os primórdios da existência do homem, ainda que esta realidade não tivesse sido denominada nos moldes como hoje a conhecemos⁷¹.

As primeiras publicações sobre o assunto aparecem no final dos anos 80 nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, os estudos começaram no final dos anos 90. A

⁷¹ VANISTENDAEL, Stefan. *Resiliência – como crescer superando os percalços*. São Paulo: Escritório Internacional Católico da Infância. Tradução de José Claret Leite Cintra. 1999. p. 5.

temática foi ganhando progressivo destaque internacional, no campo da observação e da pesquisa, sendo cada vez mais investigada no âmbito das Ciências da Saúde e das Ciências Humanas, entre outras, permitindo um olhar multidisciplinar. Contudo, até o presente, há poucos trabalhos na área da Teologia⁷².

A teóloga Susana Rocca explica que, embora a formulação do conceito de resiliência seja relativamente nova, as buscas de superar as adversidades e a obtenção significativa de bons resultados são tentativas do ser humano e inquietações das religiões de todos os tempos. Ela esclarece como começaram as pesquisas sobre a resiliência:

A origem do conceito situa-se com as psicólogas norte-americanas Emmy Werner e Ruth Smith que, a partir de 1955, estudaram, ao longo de 32 anos, mais de quinhentos indivíduos de 0 a 2 anos, na ilha de Kauai (Hawai). A maioria tinha padecido por pobreza extrema, sendo que uma terceira parte deles teve outros sofrimentos, como a dissolução do vínculo parental, alcoolismo, abuso, estresse, etc. Dessas 201 crianças em situação de risco, contrariamente ao que se suporia, 34%, isto é, 72 casos não manifestavam perturbações como consequência dos fatores de risco e das situações traumáticas vividas. A percentagem de superação cresceu quando estudados na adolescência. Mais ainda, na idade adulta, 80% dos indivíduos em questão conseguiram evoluções positivas. No início, definiram essas pessoas como “invulneráveis”, mas logo começaram a chamá-las de resilientes⁷³.

O conceito de resiliência no contexto da física e engenharia era utilizado para classificar a elasticidade e resistência dos materiais, ou seja, a capacidade elástica de um material para recobrar sua forma original depois de ter sido submetido a uma pressão deformadora. Etimologicamente, o termo tem sua origem no latim *resilio, is, ire, silui, sultum* (re, salto), que significa saltar para trás, voltar para trás, saltando⁷⁴, ou ainda, a capacidade de se recobrar ou de se adaptar à má sorte, a mudanças súbitas ou inesperadas. A Psicologia, mais tarde, passa a utilizar o conceito de resiliência para referir-se à capacidade que os seres humanos têm de aceitar, transcender e superar traumas, perdas e

⁷² ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 19.

⁷³ *Ibid.*, p. 26.

⁷⁴ Cf. FERREIRA, António Gomes. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto, 1988. p. 64.

grandes sofrimentos na vida. Desde então, diversos pesquisadores, das mais variadas áreas do conhecimento passaram a dedicar-se ao estudo da resiliência.

Boris Cyrulnik⁷⁵ define a resiliência como a arte de navegar nas torrentes. Segundo ele, um golpe da sorte é uma ferida que se inscreve na história de alguém, não é um destino. Já Stefan Vanistendael, um pesquisador da resiliência na perspectiva da espiritualidade, afirma: “Resiliência é a capacidade de vencer, viver, desenvolver-se positivamente, de maneira socialmente aceitável, apesar do estresse ou de uma adversidade que normalmente comportam o grave risco de uma saída negativa⁷⁶”.

O conceito de resiliência é bastante amplo e rico em significados. Dada sua abrangência, ela pode ser aplicada nas mais diversas áreas do conhecimento humano e seus contextos: na física, para classificar a elasticidade e testar a resistência dos materiais diante de uma pressão; na biologia, para estudar as possibilidades de um ecossistema recuperar-se depois de sofrer danos, como queimadas, desmatamentos etc.; na administração, para ajudar pessoas a lidar melhor com os conflitos interpessoais e as tensões empresariais; nos ambientes educativos, para possibilitar aos discentes o desenvolvimento de suas capacidades acadêmicas, sociais e vocacionais, por meio da confiança mútua, do otimismo e da esperança⁷⁷; na psicologia, para auxiliar os pacientes na recuperação de traumas e sofrimentos experimentados nas várias fases da vida; e, finalmente, na teologia, aliada à fé, ao amor, à esperança, ao perdão etc., a resiliência pode ser uma ferramenta valiosa na evangelização e no cuidado com aqueles que sofrem.

Em razão dessa diversidade de aplicação e compreensão da resiliência, faz-se necessária, para melhor clareza do presente trabalho, a delimitação do conceito. Por isso,

⁷⁵ CYRULNIK, Boris. *Apud* POLETTI, Rosette; DOBBS, Barbara. *A resiliência – a arte de dar a volta por cima*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 13.

⁷⁶ VANISTENDAEL, Stefan. *Apud* POLETTI, Rosette; DOBBS, Barbara. *A resiliência – a arte de dar a volta por cima*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 13.

⁷⁷ ARFELIS, Marta Burguet; MIRAVALLS, Anna Forés (Org). *A resiliência em ambientes educativos*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 21.

aqui a utilização do termo reporta a duas compreensões fundamentais: a primeira, ligada à capacidade humana para desenvolver-se bem diante de situações dolorosas e continuar projetando-se no futuro, apesar dos acontecimentos desestabilizadores, de condições de vida difíceis e de traumas às vezes graves⁷⁸; a segunda compreensão entende a resiliência como um processo dinâmico e não absoluto, uma habilidade processual e contínua do ser humano, um estado que não se adquire uma vez para sempre⁷⁹. Rocca, todavia, destaca o que há em comum nas diferentes formas de compreender a resiliência:

As diferentes visões e definições sobre resiliência têm em comum uma mudança de paradigma do olhar psicológico, ao propor uma ótica de observação centrada nas capacidades dos indivíduos e dos grupos para a superação de situações adversas ou traumáticas e que abre uma perspectiva de esperança. Em lugar de priorizar os aspectos negativos, isto é, as fraquezas, os sintomas, as doenças e as carências, tenta descobrir e promover as forças e as capacidades para reagir e superar as situações críticas e as adversidades da vida⁸⁰.

Para Cyrulnik⁸¹, o processo de resiliência supõe uma retomada, após uma confrontação com uma situação de grave risco, de violação, de morte ou de dano extremo, que ameaça destruir, física ou psiquicamente, a pessoa. Esta situação provoca uma “ruptura traumática” (*déchirure traumatique*) na qual a pessoa se sente mais ou menos morta ou morta mesmo, e a resiliência seria, de alguma maneira, uma forma de “costurar”. Sendo assim, para o autor, ficaria sem sentido falar em resiliência para dificuldades simples, para adversidades da vida quotidiana, como sugerem os americanos.

Nesta perspectiva, os tipos de adversidades mais triviais, Cyrulnik as considera simplesmente provas, porque o dano é menor, sendo que, na prova a pessoa permanece ela

⁷⁸ MANCIAUX, Michel. *La resiliencia: estado de la cuestión*. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003c. p. 22. Apud ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 28.

⁷⁹ ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 29.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 29-30.

⁸¹ CYRULNIK; ELKAÏM, 2009, p. 82. Apud ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 31-32.

mesma⁸². Anaut, por sua vez, adverte para o risco de empobrecer o conceito aplicando-o “a tudo e a nada” ou de reduzi-lo ao conceito de adaptação⁸³.

Vanistendael⁸⁴ afirma que a resiliência não é a “lei da selva”, nem a sobrevivência a todo custo. Ele explica que, há casos de jovens que, após uma infância desprovida de tudo, escaparam de semelhante adversidade e ganharam a vida dedicando-se ao tráfico de drogas e à criminalidade. Encontraram uma forma de sobreviver. Não obstante, pergunta o autor, “pode-se chamar isso de fazer bem as coisas, apesar das dificuldades? É isso resiliência?”. Ele responde: “evidentemente que não”. A resiliência, vale dizer, não é uma batuta mágica, mas está concebida como fonte de inspiração para novas perspectivas e novas esperanças.

Assim como o sofrimento, a resiliência se apresenta como realidade universal, força que permite à pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos danosos da adversidade; “é um potencial presente nos seres humanos em todas as culturas e em todos os tempos, é parte de um processo evolutivo e pode ser promovida desde o nascimento”⁸⁵.

As pesquisas sobre resiliência destacam dois fatores de proteção externos essenciais para desencadear o processo de superação de uma situação adversa ou traumática: o primeiro é a aceitação incondicional⁸⁶ por parte de pelo menos uma pessoa (ou mesmo de

⁸² CYRULNIK, Boris. *Vivre devant soi: être résilient et après?* Revigny-sur. Ornain: Du journal des psychologues, 2005b. p. 22. Apud ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 32.

⁸³ ANAUT, 2008, p. 39. Apud ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 32.

⁸⁴ VANISTENDAEL, Stefan. *Resiliência. Como crescer superando os percalços*. São Paulo: Escritório Internacional Católico da Infância. 1999. p. 11.

⁸⁵ ARAÚJO 2006, pp. 85-86 apud CHEQUINI, Maria Cecilia Menegatti. *A relevância da espiritualidade no processo de resiliência*. *Psic. Rev. São Paulo*, volume 16, n.1 e n.2, 93-117, 2007.

⁸⁶ ROCCA (p.49) ressalta que Vanistendael prefere falar em aceitação fundamental e não incondicional, para enfatizar a atitude de boa disposição para a acolhida do sofridor, porém sem ingenuidade, estando ciente das limitações e dos condicionamentos inconscientes que cada ser humano tem (In: VANISTENDAEL, Stefan. *La résilience et les surprises de Dieu*. Choisi, Genève, n. 522, p. 11-15, 2005.p. 13).

Deus); o segundo, a presença de redes de apoio social disponíveis⁸⁷, como escolas, igrejas, grupos sociais etc. Neste trabalho se enfatizará principalmente o primeiro aspecto, uma vez que a aceitação incondicional integra-se na totalidade do ser humano e pode ser um fator decisivo para a busca do apoio social.

3.2 O processo de aceitação na resiliência

Estudiosos e pesquisadores da resiliência destacam a importância do acolhimento, do perdão, da escuta e da aceitação incondicional como pontos de partida para a superação do sofrimento e a descoberta do sentido na vida. A criança, jovem ou adulto que passa por sofrimento grave precisa sentir-se acolhida e amada por alguém, pois como afirma Melillo, o aspecto mais especial e original do enfoque da resiliência é a ênfase na necessidade do outro como ponto de apoio para a superação da adversidade⁸⁸.

Deste modo, o processo de resiliência só acontece quando há uma ou mais pessoas significativas que mantêm com a criança, o adolescente ou o adulto que sofre, um vínculo positivo forte, alguém que acredita no potencial da pessoa, que sabe ouvi-la e ter com ela uma relação de confiança suficientemente empática para ajudá-la a desenvolver as próprias capacidades de superação⁸⁹.

A resiliência aposta em primeiro lugar em acreditar no ser humano, na sua capacidade de superar qualquer contrariedade. A resiliência baseia sua possibilidade de implementação na aceitação incondicional de toda pessoa. O próprio Vanistendael confessa que o mais difícil na vida é sentir-se totalmente aceito⁹⁰.

⁸⁷ ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 48.

⁸⁸ MELILLO, 2004b, p. 64 apud ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 49.

⁸⁹ ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 49.

⁹⁰ ARFELIS, Marta Burguet; MIRAVALLS, Anna Forés (Org). *A resiliência em ambientes educativos*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 68-69.

Citando Bowlby, Rocca afirma que o apoio, a confiança e o amor são indispensáveis ao longo da existência; aliás, são aspectos determinantes para se proteger das adversidades, não só na infância, mas em todas as fases da vida. Há evidências de que as pessoas são mais felizes e mais capazes de desenvolver talentos quando estão seguros de que, por trás delas, existem uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades⁹¹.

Para Vanistendael, a aceitação do outro como pessoa é o primeiro fundamento da resiliência. Segundo ele, essa aceitação pode se apresentar sob diversas formas, como dedicar tempo a alguém, escutar atentamente a pessoa que sofre, acreditar na pessoa, não abandonar quem está passando por dificuldades; em uma palavra, trata-se do amor em sentido mais forte do termo, a verdadeira acolhida do outro na vida e em suas circunstâncias⁹². Sobre o valor dessa aceitação e do afeto mútuos, Miravalles e Ortega afirmam:

A capacidade de dar e receber afeto é a verdadeira fonte da resiliência. Saber amar, cooperar e compartilhar e, finalmente, saber tecer vida por meio de sólidas e significativas relações ou construir laços de cordialidade é o principal fator que promove a resiliência...Como essa habilidade de saber criar, em cada momento, um ambiente afetivamente seguro a partir daquele que explora o mundo⁹³.

Levando em conta a necessidade do outro como ponto de apoio para a superação da adversidade e do sofrimento, os estudos sobre resiliência observam que a acolhida incondicional, a escuta empática, sem preconceitos, e a interpretação desde uma ótica positiva podem motivar o desenvolvimento de um processo de desenvolvimento resiliente, promovendo a passagem de uma realidade adversa que dói ou que provoca sentimentos de humilhação, de culpa ou de vergonha, à sensação de paz e de aceitação progressiva da

⁹¹ BOWLBY, John. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 139. Apud ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 50.

⁹² VANISTENDAEL, Stefan. *La resiliencia: desde una inspiración hacia cambios prácticos*. BICE, 2005. Disponível em: <https://www.obelen.es/upload/262d.pdf>. Acesso em: 25.10.2015.

⁹³ MIRAVALLS, Anna Forés; Ortega, Jordi Grané. *A resiliência em ambientes educativos*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 13.

situação traumática. Para tanto, não importa a idade de quem acolhe o sofredor, já que essa pessoa significativa pode ser uma figura de autoridade ou mesmo um par⁹⁴.

Portanto, a aceitação amorosa e incondicional por parte de amigos, familiares e pessoas próximas é fundamental para que a pessoa que sofre redescubra o sentido de sua vida e siga adiante com confiança em um futuro melhor. Neste sentido, também o consolo da fé e a crença em um Deus presente na hora da dor é apontada como uma das coisas mais importantes para a superação da adversidade e a reconquista da alegria de viver. “É através da fé não sectária em Deus que uma pessoa resiliente descobre a possibilidade de ser aceita incondicionalmente”⁹⁵.

Essas pessoas que, de maneira incondicional, acolhem aqueles que sofreram alguma perda ou rompimento traumático na vida são chamadas de tutores de resiliência. Pode ser considerado tutor de resiliência toda pessoa que contribui para a promoção da liberdade, fortalecimento da autoestima e redescoberta do sentido por parte da pessoa que passou por sofrimentos graves na vida; alguém que seja capaz de estabelecer uma relação de cumplicidade e confiança com o sofredor.

Segundo Michaud e Tychey, são quatro as principais características inerentes aos tutores de resiliência: a capacidade de empatia⁹⁶ e de escuta para ajudar a afastar o sentimento de solidão da pessoa que padece; o interesse pelos aspectos positivos do indivíduo fragilizado para poder ajudá-lo a restabelecer a autoestima; a capacidade de ser paciente e corajoso perante as dificuldades do vínculo e, finalmente, a capacidade de posicionar-se de forma altruísta acompanhado pelo respeito às proibições fundamentais⁹⁷.

⁹⁴ ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 94.

⁹⁵ VANISTENDAEL, Stefan; LECOMTE, Jacques. *La felicidad es posible*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2006. pp. 82.

⁹⁶ MICHAUD, Pierre-André. *El adolescente y el médico: para una clínica de la resiliencia*. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 77. Apud ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 51.

⁹⁷ TYCHEY, 2003, p. 154. Apud ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 51.

Sobre os tutores de resiliência Rocca suscita uma questão relevante face ao contexto da Igreja e da pastoral. Segundo ela, a pergunta que se coloca é como os assessores e os acompanhantes pastorais poderiam representar potenciais tutores de resiliência⁹⁸, uma vez que o próprio Jesus deixou-nos o exemplo de compaixão pelo próximo: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (cf. Jo 13,34-35). O amor ao próximo é o ponto de partida e o impulso inicial para o cristão que deseja promover resiliência à sua volta, uma vez que, a fé em Jesus Cristo requer obras concretas e não admite aceção de pessoas (cf. Tg 2,1).

Com base nos principais atributos dos tutores de resiliência, apresentamos em seguida uma reflexão a partir das palavras libertadoras de Jesus e de sua aceitação incondicional em relação aos sofredores, tentando perceber em seus gestos e exemplos uma referência para a promoção da resiliência no cotidiano da vida cristã.

3.3 Jesus Cristo: um tutor de resiliência?

As Sagradas Escrituras atestam que Jesus passou pelo mundo fazendo o bem (cf. At 10, 38). Numerosas multidões traziam até ele coxos, cegos, aleijados e mudos para que fossem curados (cf. Mt 15,30-31). Toda e qualquer doença ou enfermidade do povo, Jesus curava (cf. Mt 4, 23-25). Todavia, a libertação promovida por Jesus não se limitava à realidade física. Era uma libertação da realidade humana em todas as dimensões, porque gerava vida (cf. Jo 10,10). Neste aspecto, as palavras curadoras de Jesus corroboram com a compreensão de que, uma das atitudes mais importantes para promover a resiliência é gerar palavras tecidas na esperança⁹⁹.

⁹⁸ ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 52.

⁹⁹ ORTEGA, Jordi Grané. MIRAVALLÉS, Anna Forés (Org). *A resiliência em ambientes educativos*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 14.

Nesta perspectiva citamos apenas algumas “palavras tecidas na esperança” proferidas por Jesus diante do sofrimento humano: “levanta-te, toma tua cama e vai para casa” (cf. Mt 9,6), “ânimo, minha filha, a tua fé te salvou” (cf. Mt 9,22), “teus pecados estão perdoados”, “eu também não te condeno” (Cf. Jo 8,11), “tende coragem: eu venci o mundo” (João 16,33). Esses exemplos mostram que a paixão de Jesus pelos sofredores é densa de humanidade, é totalmente gratuita e incondicional. É verdadeira expressão de sua compaixão pelo sofrimento dos pecadores, necessitados e abandonados desse mundo. Assim, Jesus volta-se, em atos que têm caráter de sinais, especialmente na libertação de pessoas doentes e sofridas. A ação libertadora de Jesus é expressa de modo claro na seguinte passagem do Evangelho de Mateus:

Jesus percorria toda a Galileia, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando toda e qualquer doença ou enfermidade do povo. Sua fama espalhou-se por toda a Síria, de modo que lhe traziam todos os que eram acometidos por doenças diversas e atormentados por enfermidades, bem como endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curava. Seguiam-no multidões numerosas vindas da Galileia, da Decápole, de Jerusalém, da Judeia e da Transjordânia (Mt 4, 23-25).

Jesus Cristo, ao libertar do sofrimento e do mal, promove a liberdade plena do ser humano. Ele é “o conciliador dos opostos existenciais e o integrador das várias dimensões da vida humana na busca de sentido e luz para a caminhada¹⁰⁰”. Segundo Boff, Cristo é, de fato, o grande libertador¹⁰¹. Todavia, essa libertação promovida por Cristo não se reduz a um aspecto parcial, mas abrange o ser humano inteiro:

A universalidade da missão libertadora de Cristo, relacionada com a alienação universal da existência humana, seria prejudicada se ela fosse reduzida a um aspecto parcial. Libertação no sentido de Cristo não pode ser reduzida à esfera individual e menos ainda à esfera social. Principalmente são numerosas as restrições no sentido de que Cristo não quis ser um libertador político¹⁰². Elas

¹⁰⁰ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. São Paulo: Vozes, 1998. p. 258.

¹⁰¹ Para o evangelista Marcos, Jesus é o “Messias-Cristo escondido e o grande Libertador... como Libertador das forças alienadoras, ele é o vencedor cósmico sobre a morte e o demônio”. Em Lucas, ele aparece como o “Libertador dos pobres, doentes, pecadores e marginalizados...” (BOFF. *Ibid.*, p. 18).

¹⁰² BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. São Paulo: Vozes, 1998. p. 123, 143.

devem ser entendidas como uma crítica a um conceito de libertação reduzido ao político-social. Se na história da tentação é rejeitado o messianismo político, então isto significa que se trata da libertação total da realidade em todas as dimensões¹⁰³.

Segundo Bonhoeffer, “os cristãos estão junto a Deus em seus sofrimentos... Somente o Deus sofredor pode ajudar¹⁰⁴”. Os sofrimentos enfrentados e vencidos por Jesus, neste sentido, são também os sofrimentos que ele compartilha com todos os abandonados e sofredores, pois, como afirmou Moltmann, “um Deus incapaz de sofrer, também é incapaz de sentir compaixão”¹⁰⁵.

Com efeito, a compaixão é fundamental para a aceitação incondicional do próximo e, conseqüentemente, para a promoção da resiliência. Exemplos eloquentes de compaixão aliada ao processo de resiliência encontramos nas parábolas da misericórdia, especialmente na narrativa do Bom Samaritano:

Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: ‘E quem é o meu próximo?’ Jesus retomou: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispôs-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei. Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? Ele respondeu: Aquele que usou de misericórdia para com ele’. Jesus então lhe disse: “Vai, e também tu, faze o mesmo” (Lc 10,25-37).

Habitualmente, os personagens da parábola são anônimos, mas a atenção de Jesus concentra-se nas suas identidades religiosas e étnicas. Não foi por acaso que se escolheram três personagens que, de modos diversos, se encontram envolvidos com o culto ao Deus

¹⁰³ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. São Paulo: Vozes, 1998. p. 173.

¹⁰⁴ BONHOEFFER, D. 1951, p.242. apud MOLTSMANN, Jürgen. *No fim, o início. Breve tratado sobre a esperança*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 91.

¹⁰⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *No fim, o início. Breve tratado sobre a esperança*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 90-91.

único: um sacerdote que vem de Jerusalém para o serviço do Templo; um levita, que pertence à classe sacerdotal, mas pode também não exercer o serviço cultural; e um samaritano, membro de um povo de quem os judeus tinham grande horror e que devia ser considerado impuro e tratado como estrangeiro. Todavia, o samaritano da parábola “é um homem de bom coração e afetuoso; ele não se perguntou se o homem que jazia à beira da estrada, ainda coberto de ferimentos e sangrando, era um samaritano, um pagão ou um judeu. Tratava-se de um homem que precisava de ajuda¹⁰⁶”.

A parábola atinge o ponto alto quando se refere que um samaritano ‘se encheu de compaixão’ do moribundo (v.33); e, no final, o doutor da lei reconhece que o próximo foi ‘quem teve compaixão dele’ (v.37). Aqui, portanto, é importante destacar o sentido do verbo que exprime a compaixão do samaritano. O verbo *compadecer* (*splanchnízomai*) deriva do substantivo *spláchna* que, em grego, refere-se às vísceras humanas, incluindo o coração. Segundo a forma habitual de pensar na época de Jesus, por vísceras exprimem-se os próprios sentimentos: o amor, a compaixão, a misericórdia. Com efeito, o samaritano não se limita a olhar para o moribundo, mas sente-se envolvido na parte mais íntima; e é tal a compaixão visceral que põe em movimento tudo o que lhe é possível para salvar o moribundo de sua terrível dor e sofrimento¹⁰⁷.

Com esta parábola, Jesus quer mostrar ao “mestre da lei” e a todo cristão que,

cada homem em dificuldade é seu próximo, é preciso ajudá-lo sem perguntar primeiro de quem se trata. Quando é preciso “amar ao próximo como a si mesmo”, é preciso socorrer cada um na sua miséria. É o que ensina em sua parábola, e é o sentido universal que ele dá ao termo “próximo”. Um cristão digno deste nome não diz de modo algum, a um homem infeliz, como o de nossa parábola: ‘Fique aí, eu não te ajudarei, mas toma consciência da tua miséria e da dos outros, para que

¹⁰⁶ VAN DER PLOEG, J.P.M. *Jesus nos fala. As parábolas e as alegorias dos quatro evangelhos*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 146.

¹⁰⁷ Cf. Conselho pontifício para a promoção da nova evangelização. *Celebrar a Misericórdia subsídio litúrgico*. São Paulo: Paulinas e Paulus, 2015. p. 70-71.

possas por fim à criminalidade'. Não! Age antes como o Bom Samaritano e luta ao mesmo tempo com ardor para que o crime não possa se repetir¹⁰⁸.

Neste sentido, é possível observar que a atitude do Bom Samaritano, de cuidado incondicional, possibilita ao sofredor reconstituir-se enquanto pessoa após a experiência de violência e abandono. Bom Samaritano – como tutor de resiliência – é toda pessoa que se aproxima daquele que sofre e o ajuda a se reerguer. É alguém que se comove diante da desgraça do próximo e age em seu favor, a fim de que ele não se perca (cf. 2Pd 3,9).

Dada a profundidade da mensagem e a riqueza da parábola, podemos, então, concluir, que a compaixão e a acolhida incondicional do Samaritano é uma atitude geradora de resiliência, a qual todo cristão é chamado a imitar. Sua atitude diante da situação de sofrimento permite-nos descobrir, uma vez mais, por detrás de todos os sofrimentos humanos, o próprio sofrimento redentor de Cristo, que ensinou-nos a transformar o sofrimento em um bem e, ao mesmo tempo, a fazer bem a quem sofre. Sob este duplo aspecto, revelou cabalmente o sentido do sofrimento.

O exemplo de acolhida incondicional do próximo, apresentado por Jesus deve servir de modelo aos samaritanos de hoje e aos tutores de resiliência (educadores, líderes religiosos, catequistas, confessores etc.). É um convite a olhar o outro com compaixão, ternura e amor, sobretudo aqueles que perderam a esperança e o sentido da vida.

Para tornar-se um tutor de resiliência, a exemplo do Bom Samaritano, são necessárias três coisas: cultivar uma espiritualidade que integre fé e vida; ter espírito universal em relação ao sofrimento do outro; possuir sensibilidade capaz de agir com os mesmos sentimentos de Jesus (cf. Fl 2, 5), olhar nos olhos do sofredor e apontar-lhe novas perspectivas de vida e de esperança no futuro. Sem esse movimento de compaixão interior e de fé viva, provavelmente a pessoa ficaria na passividade diante do sofrimento do próximo, como fizeram o sacerdote e o levita da parábola.

¹⁰⁸ Cf. Conselho pontifício para a promoção da nova evangelização. *Celebrar a Misericórdia subsídio litúrgico*. São Paulo: Paulinas e Paulus, 2015. p. 150.

Portanto, cultivar uma espiritualidade profunda, que tenha o Cristo como fundamento, é essencial para agir com caridade em relação aos que sofrem. Uma vida interior autêntica livra do egoísmo e da indiferença em relação ao sofrimento alheio. Dada sua relevância para o processo de superação da adversidade, apresenta-se em seguida a relação entre espiritualidade e resiliência, destacando-se a importância do equilíbrio entre vida espiritual e “vida vivida” para o fortalecimento de atitudes resilientes.

3.4 A espiritualidade como um pilar da resiliência

Os estudos sobre a relação entre resiliência e espiritualidade ainda são poucas. Todavia, pesquisas mostram que não dá para, simplesmente, ignorar a dimensão interior daquele que sofre, uma vez que esta realidade perpassa a totalidade da vida e o próprio mistério do ser humano. Evita-se, por vezes, abordar diretamente a temática da espiritualidade, preferindo-se utilizar termos como “filosofia de vida”, “crença religiosa” ou “sentido de vida”.

Contudo, autores como Vanistendael, Rocca, Lacayo e Lecomte não hesitam em ressaltar a importância da espiritualidade como “fator de proteção” contra danos mais graves causados pelos sofrimentos da vida. Eles entendem que o “sentido da vida”, classificado como pilar de resiliência pode estar associado, muitas vezes, à vida espiritual e à fé religiosa, considerando-se que tais dimensões ajudam a pessoa não apenas a assumir com aceitação as adversidades, mas a lutar com esperança por uma transformação¹⁰⁹.

A fé no Deus que sofre “com” passa a ser objeto de investigação. É quando os estudiosos descobrem que, “as pessoas resilientes testemunham haver sentido uma aceitação incondicional, dentro de uma lógica que transcende a realidade puramente humana: dizem que é um assunto de Deus, que só Deus pode amar dessa maneira¹¹⁰”.

¹⁰⁹ Cf. ASSIS, Simone Gonçalves de; PESCE, Renata Pires; AVANCI, Joviana Quintes. *Resiliência. Enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 106.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 83.

Assim, crer, acreditar, perdoar em nome de Deus é a construção de escudo protetor importante para adquirir resiliência na vida. Crescer com a adversidade, sentindo que não tem somente a força dos homens, mas uma força superior¹¹¹.

Segundo Lacayo¹¹², diante das tormentas da vida se requer uma resposta espiritual, não somente psicoemocional. É necessário reconhecer que a Psicologia não é suficiente para conectar ao significado profundo e transformador que as crises podem ter na vida de alguém. Nenhuma crise, perda nem desafio é maior que a fortaleza que o próprio espírito pode desenvolver.

Na perspectiva da resiliência existem alguns pilares (fatores) de proteção internos que ajudam no processo de superação de um sofrimento grave ou de uma situação crítica na vida. Esses pilares, segundo Rocca, podem resumir-se em quatro: a autoestima; as aptidões e competências pessoais; o senso de humor; e a espiritualidade¹¹³. Interessa-nos mais esta última dimensão. Com efeito, alguns autores, ao tratarem da realidade espiritual, sugerem utilizar juntos os termos espiritualidade/religiosidade, visto que nem sempre é fácil diferenciá-los¹¹⁴. Nesta perspectiva, alguns autores cristãos podem iluminar nossa compreensão de espiritualidade, a fim de podermos, mais claramente, associá-la ao conceito de resiliência.

A espiritualidade, de modo geral, pode ser entendida como a reflexão sobre o conhecimento sapiencial religioso, sobre a experiência com o Absoluto ou sobre os valores últimos e profundos que transcendem o ser humano, ultrapassando o domínio do cristão, inclusive, do religioso¹¹⁵. Diante desta ampla compreensão, Merton alerta para o perigo de se viver uma espiritualidade irreal e distante, separada dos sofrimentos e percalços da vida

¹¹¹ GRUNSPUN, Haim. *Criando filhos vitoriosos. Quando e como promover a resiliência*. São Paulo: Atheneu, 2005. p. 143-159.

¹¹² LACAYO, Rosa Argentina Rivas. *Saber crescer: resiliencia e espiritualidad*. España: Urano, 2007, p. 147.

¹¹³ ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 55.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 67.

¹¹⁵ FLORISTAN, Casiano. *Novo dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 183.

cotidiana. Segundo ele, não há, na vida espiritual, desastre que se compare ao de se viver imerso na irrealidade, pois a vida se mantém e é em nós nutrida por nossa relação vital com as realidades que se encontram fora e acima de nós. Isso nos permitirá viver em face do desespero, mas sem o consentir ¹¹⁶. A isto, Merton acrescenta:

A vida espiritual é, antes de mais nada, uma vida. Não é apenas algo a ser conhecido e estudado; tem de ser vivido. A vida espiritual não é, portanto, uma vida completamente separada, desarraigada da condição humana e transportada para o ambiente angélico. Vivemos como criaturas espirituais quando vivemos como homens que procuram a Deus. Se queremos, pois, ser espirituais, vamos em primeiro lugar viver nossa própria vida. A vida espiritual é, em primeiro lugar, uma questão de estar desperto ¹¹⁷.

Na visão de Nouwen, a vida espiritual é um crescimento para entrar em contato com o ser interior, com o próximo e com Deus. Para isso, é preciso encarar e explorar diretamente a inquietude interior, os sentimentos confusos em relação aos outros, bem como a profunda suspeita da ausência de Deus, especialmente nas ocasiões de grave sofrimento ¹¹⁸. Todavia, quando não se integram esses três movimentos da vida espiritual, não se consegue lidar com as angústias e sofrimentos da vida, pois, “nossa cultura tornou-se sofisticada em relação a evitar a dor, não apenas a dor física, mas também a dor emocional e mental. Enterramos nossas dores como se elas não existissem de verdade ¹¹⁹”.

Finalmente, para Balthasar existem três formas de espiritualidade: a transcendental, que equivale a sair de si mesmo para o Absoluto; a ativista ou do compromisso objetivo, que encontra seu campo de ação no âmbito do mundo; e a espiritualidade da passividade, caracterizada pela indiferença diante dos requerimentos de qualquer índole ¹²⁰.

¹¹⁶ Cf. MERTON, Thomas. *Na liberdade da solidão*. São Paulo: Vozes, 2012, 6ª edição, p. 17.

¹¹⁷ Ibid., p. 39-40.

¹¹⁸ NOUWEN, Henri J. M. *Crescer. Os três movimentos da vida espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.12.

¹¹⁹ Ibid., p. 24.

¹²⁰ BALTHASAR, Urs von. *Concilium*, 1965, pp. 11-14 e 25-25. Apud FLORISTAN, Casiano. *Esperitualidade*. In: Novo dicionário de Teologia. São Paulo: Paulus, 2009. p. 184.

Os autores citados apresentam-nos, portanto, uma compreensão de espiritualidade que integra o humano e o divino naquela realidade que podemos chamar de “vida vivida” ou vida cotidiana. Somente uma espiritualidade assim, capaz de unir humanidade e transcendência, pode ser associada à experiência da resiliência, uma vez que o campo de atuação tanto de uma quanto da outra está profundamente arraigado no ser humano, em sua totalidade e circunstâncias. Portanto, para que a espiritualidade seja um fundamento ou pilar de resiliência, esta não pode, de modo algum, permitir a fuga da realidade. Ao contrário, deve ajudar à pessoa a olhar o seu problema de frente e a buscar forças no mais íntimo de si, onde habita Deus, para poder, enfim, dar sentido ao próprio sofrimento.

Para alguns especialistas, a noção de resiliência evolui do concreto para o abstrato, das realidades materiais, físicas e biológicas, para as realidades materiais ou espirituais¹²¹. Deste modo, é possível afirmar que, a religião e a espiritualidade podem ser recursos terapêuticos poderosos para recuperação, cura e resiliência¹²². Neste aspecto é salutar o testemunho de Hoch acerca da resiliência aliada à fé:

Como cristão, eu acredito que a fé ajuda a despertar essa força muitas vezes adormecida dentro de nós. A fé é capaz de alimentar essa força. Aliás, eu creio que nós, mediante a fé em Deus, podemos nutrir, reforçar, treinar esta força como um músculo que precisamos exercitar para ficar forte. A fé em Deus é como uma força externa que fortalece essa força vital própria com a qual Deus, o criador, já nos presenteou no ato de nascermos¹²³.

Lacayo lista onze características fundamentais da pessoa resiliente, dentre as quais a espiritualidade, considerada a mais significativa para o fortalecimento do processo de

¹²¹ CHEQUINI, Maria Cecilia Menegatti. *Resiliência e espiritualidade em pacientes oncológicos: uma abordagem junguiana*. Teses e Dissertações-PUC. 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=166265. Acesso em: 07.10.2015.

¹²² WALSH, 2005, p.7. Apud ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 90.

¹²³ HOCH, 2007, p. 73. Apud OLIVEIRA, Márcio Divino de; NOGUEIRA, Paulo Dias. *Resiliência, fé e práxis pastoral: A igreja como agente de fé resiliente*. In: <http://www.faiifa.edu.br/revista/index.php/voxfaifae/article/view/12/24>. Acesso em: 20.11.2015.

resiliência. São elas: saber comunicar-se, autoestima, autonomia, responsabilidade, inteligência, sentido de humor, saber perdoar, maturidade, apoio social, otimismo e espiritualidade. Sobre essa última, a autora defende ser a mais importante das características da pessoa resiliente e a que mais incide em resultados favoráveis para o manejo da adversidade¹²⁴.

Dentro dessa perspectiva, Lacayo destaca a oração, o desapego, o amor, a ética, a sabedoria, a fé e a esperança como atributos fundamentais da pessoa espiritual¹²⁵. Contudo, a dimensão da esperança se sobressai, uma vez que esta é considerada por especialistas como a “realidade” cristã mais próxima da compreensão da resiliência. Com efeito, a esperança desempenha um papel chave em toda abordagem útil do sofrimento. A esperança é única coisa que previne que o inevitável acúmulo de perdas leve a pessoa ao desespero. Em momentos especialmente difíceis, a esperança é fundamental; é como o oxigênio para alguém que está se sufocando¹²⁶.

Portanto, a espiritualidade é, por assim dizer, a alma da resiliência, o impulso vital que conduz o sofredor à esperança num futuro feliz e pleno. Nesta dimensão interior é importante ressaltar a centralidade de Jesus Cristo e do seu amor incondicional, pois, como disse Thomas Merton, “não há verdadeira vida espiritual fora do amor de Cristo. Temos uma vida espiritual unicamente porque ele nos ama. Se soubermos como é grande o amor de Jesus por nós, nunca teremos medo de ir a ele em toda a nossa pobreza, toda a nossa fraqueza, toda a nossa indigência espiritual e fragilidade¹²⁷”.

Com efeito, a pessoa espiritual, não obstante os sofrimentos, vê em Cristo o amigo que se compadece, caminha junto e ajuda a carregar o fardo. Aquele, portanto, que vive uma espiritualidade voltada para o amor de Cristo e sua misericórdia, descobre que pode

¹²⁴ LACAYO, Rosa Argentina Rivas. *Saber crecer: resiliencia e espiritualidad*. España: Urano, 2007, p. 147.

¹²⁵ Ibid., p. 150.

¹²⁶ DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 81.

¹²⁷ MERTON, Thomas. *Na liberdade da solidão*. São Paulo: Editora Vozes, 2012, 6ª edição, p. 31.

não apenas suportar e dar sentido aos próprios sofrimentos, mas de ajudar a outros a suportar também os seus, levando-os a crer que, da mesma forma que Cristo ressuscitou verdadeiramente dos mortos, e vive para sempre, eles também ressuscitarão no último dia, pois Deus não é um Deus dos mortos, mas dos vivos (cf. Mc 12,27). A mensagem das Sagradas Escrituras é clara a respeito da promessa de salvação: “Eu sou a ressurreição e a vida” (cf. Jo 11,25); É a esperança em Jesus que leva o Apóstolo a afirmar: “Se com ele morremos, com ele viveremos; se com ele sofremos, com ele reinaremos” (cf. 2Tm 2,11-12).

3.5 Resiliência e esperança cristã: a ressurreição como perspectiva

Antes de ser uma simples habilidade ou uma aptidão para bem sofrer, a resiliência é um caminho de esperança, que permite ao sofredor descobrir novos horizontes para a vida, apesar de todos os sofrimentos e adversidades que o fazem sucumbir. Com a força da espiritualidade e da esperança, que impulsiona para o futuro, a pessoa é capaz de sair de si mesma e vencer seu marasmo interior, causado por suas dores e angústias. Quando há esperança, a pessoa se fortalece e busca um sentido para além da aflição; quando há esperança há também uma meta, uma projeção para “um amanhã feliz”. Esse olhar para o futuro, sem ignorar as circunstâncias presentes, é uma força criadora de resiliência. Não é à toa que Ortega e Miravalles afirmam que a resiliência é “um canto de esperança, supõe passar do realismo à esperança, ou seja, sermos conscientes de nossos limites, de nossa situação, e aprender a viver com elas”¹²⁸.

A esperança aqui referida é a esperança cristã, que tem seu fim último na Ressurreição de Cristo. É aquela esperança escatológica de que trata Moltmann. Ele diz que, diante do sofrimento, deparamo-nos com a promessa de esperança feita pelo Senhor: ‘Vivo, e também vós vivereis’ (Jo 14, 19). Os cristãos são convocados para essa esperança, e esse chamado muitas vezes soa como uma ordem: “uma ordem para resistir contra a

¹²⁸ ORTEGA, Jordi Grané. MIRAVALLS, Anna Forés (Org). *A resiliência em ambientes educativos*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 24.

morte e contra os poderes da morte, e uma ordem de amar a vida e valorizá-la. Qualquer vida, a vida conjunta, a vida inteira”¹²⁹.

Para aquele que segue a Jesus e nele põe sua confiança, sempre há esperança de Ressurreição e felicidade plena. Nas palavras de Paulo, o cristão espera contra toda esperança (cf. Rm 4,18), isto é, conserva a esperança mesmo quando parece não haver nenhum sinal dela. É na esperança que se deu a salvação, diz São Paulo aos Romanos (cf. Rm 8,24). A redenção é oferecida no sentido que foi dada a esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual se pode enfrentar o tempo presente, o qual, ainda que custoso, pode ser vivido e aceito se conduzir a uma meta e se se puder estar seguro desta meta, se esta for tão grande que justifique a canseira do caminho¹³⁰.

Com base nas muitas citações de Paulo sobre a esperança¹³¹, Comblin afirma que o apóstolo visivelmente acha que se pode sintetizar, de certo modo, o cristianismo inteiro por essa palavra: esperança, esperança esta que é também modo e viver, modo de ser. Ser cristão é viver uma esperança, isto é, viver segundo o jeito da esperança já no aqui e agora da existência, olhando para o futuro que é Cristo ressuscitado¹³².

Todavia, o homem contemporâneo, perdido em seus medos e incertezas coloca graves objeções à esperança. As pessoas de hoje costumam dizer que viver de tal maneira no futuro – a morte e a salvação da alma – é o sinal de incapacidade de viver o presente. Seria sinal de desajuste profundo ou de imaturidade da personalidade. Outros, no entanto, acreditam que a esperança é o refúgio de todas as decepções da vida. Dizem que os desejos frustrados, os projetos fracassados, as experiências amargas da limitação das satisfações

¹²⁹ MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida, o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 46.

¹³⁰ Cf. BENTO XVI. *Spe Salvi, sobre a esperança cristã*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2007, n. 1.

¹³¹ “Jesus Cristo é nossa esperança” (1Tm 1,1). “Que o Deus da esperança encha vocês de completa alegria e paz na fé, para que vocês transbordem de esperança, pela força do Espírito Santo” (Rm 15, 13). “Sejam alegres na esperança...” (Rm 12,12). “E a esperança não engana...” (Rm 5,5) e tantas outras citações.

¹³² COMBLIN, José. *Viver na esperança*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 7.

encontradas na vida projetam-se num mundo ideal futuro. Contudo, Comblin rebate a crítica e diz que é exatamente o contrário:

A prova da autenticidade da esperança exige que a pessoa faça realmente a experiência da realidade da vida, viva plenamente a vida presente nesta terra. A prova do valor da esperança será feita por pessoas que atingem certa maturidade. É preciso ter aceitado a realidade da vida com as oportunidades que ela oferece e os limites que impõe. Não querer fugir da realidade por mais difícil que seja sua aceitação. Qualquer desprezo da realidade do mundo presente, qualquer reação de inconformidade com a realidade da existência humana serão interpretados como sinais de falsa esperança, sinais de uma fuga e refúgio num futuro imaginário¹³³.

É diante dessa descrença e falta de sentido no homem que entra em ação a força da esperança e da resiliência, como horizonte existencial capaz de despertar a autoconfiança e, ao mesmo tempo, a crença num futuro melhor, para além das circunstâncias presentes, pois, como definiu Moltmann¹³⁴, a esperança messiânica pelo novo mundo não é cega, mas olha para o futuro de olhos bem abertos. Ela vê mais do que vai aparecendo no horizonte da história. A palavra indonésia para esperança significa ‘olhar para além do horizonte’. A verdadeira esperança perscruta além dos horizontes do mundo moderno, vendo a nova criação de todas as coisas no Reino da glória de Deus¹³⁵.

No início deste capítulo afirmou-se que a resiliência é dinâmica e pode ser aperfeiçoada ao longo das experiências da vida. E, por não ser estática, pode ser exercitada e aprendida por todos. E com relação à esperança, como acontece esse processo? “É possível aprender a esperança?”. Eis a pergunta de Moltmann. Segundo ele, é possível sim aprender a ter esperança:

Pelo fato que não temos essa verdadeira esperança desde o nascimento e de que as nossas experiências de vida talvez nos tornem sábios, mas não necessariamente esperançosos, temos de nos desinstalar para aprender a esperança. Aprendemos a amar quando dizemos sim à vida. Assim, aprendemos a ter esperança quando

¹³³ COMBLIN, José. *Viver na esperança*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 16-17.

¹³⁴ MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida, o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 47.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 46-47.

dizemos sim ao futuro (...). Sempre que fundamos nossa esperança na confiança do mistério divino, sentimos profundamente em nossos corações: há alguém que nos aguarda, que tem esperança em nós e que confia que somos capazes. Somos esperados, assim como o “filho perdido” da parábola é esperado pelo seu pai. Somos acolhidos, assim como uma mãe abraça e acolhe seu filho. Em vista disso, Deus é nossa última esperança, porque somos o primeiro amor de Deus. Somos o sonho de Deus para o seu mundo e sua imagem sobre sua terra amada. Deus espera por sua humanidade, para que venha a tornar-se realmente “humana”. Por isso também vive em nós o anseio de nos tornar verdadeiros seres humanos. Deus espera pelas pessoas humanizadas, motivo porque sofre com toda a desumanidade que praticamos em termos pessoais e políticos. Deus espera por sua imagem, seu eco, sua resposta em nós, razão pela qual ainda tem paciência conosco e suporta os campos de destroços de violência e sofrimento¹³⁶.

Segundo Vanistendael, para que a resiliência seja compreendida em relação à esperança e possa produzir frutos na vida da pessoa que sofre, é fundamental que esse “olhar para o futuro” encontre seu fim na Ressurreição de Cristo, uma vez que, a plenitude mostrada com tanta força por ele na cruz já tem acolhida em nossas próprias vivências. “É como se houvesse pegadas em nossa vida que apontassem na direção do que Cristo nos mostrou em sua plenitude¹³⁷”. A resiliência, segundo ele, é, precisamente, um desses traços. É uma experiência natural de muitas pessoas, uma experiência natural da tenacidade da vida, de um crescimento positivo, quando tudo parece perdido. Neste sentido, ele, ousadamente acrescenta:

A resiliência é quiçá a prefiguração mais natural da dinâmica da cruz e da Ressurreição. Cristo levou essa experiência mais além de nossos limites naturais, mais além da morte. O sofrimento, o mal, que se transforma, às vezes, em elemento constitutivo da vida, é uma realidade que se encontra no coração da resiliência, mas também no coração do que chamamos na tradição cristã de ressurreição¹³⁸.

¹³⁶ MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida, o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 48.

¹³⁷ VANISTENDAEL, Stefan. *Resiliência – como crescer superando os percalços*. São Paulo: Instituto para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente-INDICA. Tradução de José Claret Leite Cinra. 1999. P. 42.

¹³⁸ VANISTENDAEL, Stefan. *Resiliencia y Espiritualidad. El realismo de la fe*. 2003. Disponível em: http://www.addima.org/Documentos/Articulos/ResilienciaEspiritualidad_BICE2003.pdf. Acesso em: 14.10.2015.

Na compreensão da resiliência, assim como na concepção cristã, não cabe contradição entre um compromisso absoluto com a vida aqui e agora e uma esperança total no futuro. A esperança verdadeira não é uma via de escape da realidade, mas ela abre os olhos para um potencial positivo, ainda que este ainda esteja escondido. O enfoque da resiliência pode ser fonte de inspiração para viver uma esperança plena no aqui e agora da vida, sem perder o horizonte futuro. Esse enfoque pode, portanto, “induzir a uma esperança realista porque, sem negar os problemas, ela focaliza nossa atenção nas forças que podemos capitalizar”¹³⁹.

Segundo Lacayo, é a esperança que, desde a realidade presente e pessoal, auxilia e favorece à busca de sentido e o poder de transformar a dor em crescimento, a adversidade em oportunidade. A esperança é um valor decisivo para recobrar a alegria, para retornar o caminho. Ela nos ensina a remar contra corrente e a sofrer com coragem e determinação. Lacayo acrescenta que,

a esperança é, antes de tudo, como afirma Erich Fromm, a fortaleza que sempre nos dispõe a encontrar significado e plenitude, a saber estar presente no aqui e agora, a libertar-nos do aborrecimento e da apatia. A esperança tem o poder de nos dar segurança e de descobrir possibilidades onde outros parecem sentir que todos os caminhos foram fechados. A esperança deve ser uma atitude permanente que não é ingênua ante os problemas, que não se baseia em sonhos cor de rosa, mas na capacidade de ver além do momento. A tarefa da esperança é abrir horizontes para encontrar sentido e renovar os objetivos. Talvez a esperança como a fé pareçam simples palavras, mas abarcam uma faceta essencial da resiliência. A espiritualidade da esperança nos dá visão transcendente e nos abre espaços de alegria que nos permite dar um sim à vida e continuar navegando apesar da tempestade¹⁴⁰.

Percorrer os fundamentos da resiliência e descobri-la como caminho fecundo de possibilidades diante da inquietante pergunta pelo sentido da vida possibilitou compreender que, para além de todo sofrimento humano, há em cada pessoa uma capacidade inata de

¹³⁹ VANISTENDAEL, Stefan. *Resiliência – como crescer superando os percalços*. São Paulo: Instituto para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente-INDICA. Tradução de José Claret Leite Cinra. 1999, p. 43.

¹⁴⁰ LACAYO, Rosa Argentina Rivas. *Saber crecer: resiliencia e espiritualidad*. España: Urano, 2007, p. 175, 177,179.

superação, pois cada um possui uma tendência ao crescimento e ao desenvolvimento¹⁴¹. Aliadas a esse processo dinâmico, não absoluto, descobre-se na espiritualidade e na esperança cristã o suporte necessário para a promoção e o fortalecimento da resiliência, pois o sofrimento só tem valor quando é consagrado a Deus¹⁴².

A resiliência e a esperança são, portanto, a resposta do ser humano à situação de prova que o estado de cativo ou alienação às vezes nos impõe. Ambas levam-nos a suspirar para que a prova ou o cativo terminem o quanto antes e, ao mesmo tempo, dirige-nos para uma futura meta. Resiliência e esperança são realidades que estão ao alcance de todos, desde que, aprendamos a dizer sim à vida, pois, tanto uma quanto a outra têm os olhos abertos para futuro e os pés sempre em movimento rumo à conquista da plena liberdade do ser humano, em Cristo ressuscitado.

3.6 Aplicação pastoral: desafios de uma “Igreja em saída” para a promoção da resiliência

Tendo percorrido o caminho de reflexão na busca de resposta à pergunta sobre o sentido do sofrimento humano, este trabalho volta-se agora para a busca de maneiras como a Igreja, em sua práxis pastoral, pode contribuir para o fortalecimento e aplicação efetiva da resiliência. Esta busca é feita considerando o Concílio Vaticano II, profundamente marcado pelo zelo pastoral, como se lê na abertura da *Gaudium et spes*:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a

¹⁴¹ POLETTI, Rosette; DOBBS, Barbara. *A resiliência – a arte de dar a volta por cima*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 50.

¹⁴² MERTON, Thomas. *Homem algum é uma ilha*. Rio de Janeiro: Verus, 2003, p. 89.

mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história¹⁴³.

Para tratar da aplicação prática da resiliência no âmbito eclesial, toma-se como base a pesquisa de campo realizada pela teóloga Susana Rocca, junto a jovens de 18 a 29 anos, do município de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. O objetivo da pesquisa era investigar a influência da religiosidade/espiritualidade e da pastoral da Igreja na superação de situações adversas ou traumáticas em jovens resilientes e católicos¹⁴⁴.

Segundo Rocca¹⁴⁵, as contribuições e as perspectivas trazidas pelo estudo da resiliência dão pistas para a práxis pastoral com jovens, tanto no sentido da reflexão teórica (psicológica, sociológica e teológica), como da aplicação prática, e podem ser pensadas no âmbito do amplo trabalho que a Igreja faz com a juventude, seja através da área da Pastoral de Juventude propriamente dita, como na área da educação, da saúde, da promoção social, da espiritualidade, do acompanhamento pastoral e da formação integral nos mais variados ambientes socioculturais. A pesquisa destaca que,

a partir de uma leitura tanto psicológica quanto teológica, o enfoque da resiliência, a visão dos pastoralistas e as entrevistas mostram a importância da inclusão, da acolhida, do vínculo, do encontro, do relacionamento empático, do grupo ou da comunidade como redes de apoio. Esta dimensão, que poderia ser chamada horizontal, é significativa nos ensinamentos de Jesus Cristo e na vida da Igreja Católica no sentido de procurar a aproximação das pessoas, tentar a união, propor a dimensão comunitária, aspirar a uma vida de comunhão (comum/união) como irmãos e irmãs¹⁴⁶.

Diante dessa constatação é salutar a afirmação do Concílio Vaticano II: “Deus não criou os homens para viverem isolados, mas para se unirem em sociedade. Esta índole

¹⁴³ VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes, sobre a Igreja no mundo atual*. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997, n. 1.

¹⁴⁴ Cf. ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

¹⁴⁵ ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 226.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 238.

comunitária, com efeito, aperfeiçoa-se e completa-se com a obra de Jesus Cristo, pois o próprio Verbo encarnado quis participar da vida social dos homens”¹⁴⁷. A vida comunitária e a convivência cristã são fontes de alegria e de sentido para aquele que sofre, pois a Igreja ensina que, “ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe”¹⁴⁸.

Segundo Rocca¹⁴⁹, uma Igreja-Mãe com missão de proteger e cuidar de seus filhos e filhas, em especial dos que sofrem, precisaria demonstrar mais concretamente a sua dimensão vincular, afetiva, próxima daqueles que sofrem, promovendo a partilha, indo ao encontro das pessoas, buscando acolhê-las e incluí-las, demonstrando interesse por todos, sem distinção, favorecendo a dimensão comunitária e a sua catolicidade, isto é, a sua universalidade, no sentido da aceitação dos outros como pessoas, em qualquer situação.

A autora está, deste modo, em sintonia com o pensamento do papa Francisco, ao empregar, na *Evangelii Gaudium*, a expressão “Igreja em saída”. Ele insiste na urgência de se propagar uma mensagem de amor e misericórdia capaz de alcançar todas as periferias geográficas e existenciais da sociedade. “Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”¹⁵⁰. Sobre a importância de sair de si para o encontro misericordioso com o outro, o papa acrescenta:

¹⁴⁷ VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes, sobre a Igreja no mundo atual*. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Pulus, 1997, n. 32.

¹⁴⁸ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola. 2013, n. 113.

¹⁴⁹ ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 238.

¹⁵⁰ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola. 2013, n. 20.

A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! Como consequência, a Igreja sabe “envolver-se”. Jesus lavou os pés aos seus discípulos. O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para os lavar; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: ‘Sereis felizes se o puserdes em prática’ (Jo 13, 17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo¹⁵¹.

O papa insiste na prática cristã da acolhida, da humildade, do amor, da misericórdia como reflexo da missão de Jesus, expressão e fundamento da prática missionária da “Igreja em saída”. Aqui é clara a relação das palavras de Francisco com o que ensinou Jesus na parábola do Bom Samaritano. A narrativa faz emergir a reflexão acerca do amor ao próximo como acolhida incondicional, gesto fundamental para a criação de vínculo e de sentido capaz de promover libertação, cura e resiliência.

Para Rocca, “o que a literatura sobre resiliência descreve como a aceitação incondicional e que não significa compactuar com o que não faz crescer o jovem, a literatura pastoral descreve como compaixão, misericórdia, perdão, amor incondicional a todos e a todas”¹⁵². Entretanto, ela observa que,

infelizmente, as atitudes de Jesus de aproximação dos leprosos, das prostitutas, dos e das samaritanas e de todo tipo de pecadores, a sua atitude de aceitação incondicional, afetiva e compreensiva das pessoas sem distinções, nem sempre correspondem às atitudes dos católicos¹⁵³.

¹⁵¹ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola. 2013, n. 24.

¹⁵² ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 239.

¹⁵³ *Ibid.*, p. 239.

A crítica da autora encontra embasamento no testemunho de alguns entrevistados quando afirmam que a acolhida na Igreja Católica não é incondicional ou sem preconceito, como pede o evangelho¹⁵⁴. Diante dessa afirmação, as palavras do papa Francisco parecem iluminadoras: “O discípulo sabe oferecer a vida inteira e jogá-la até ao martírio como testemunho de Jesus Cristo. Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão¹⁵⁵”. Sem essa conversão pastoral perene, a Igreja se afasta da própria vocação, conforme recorda Francisco ao retomar as palavras do Concílio:

‘A Igreja deve aprofundar a consciência de si mesma, meditar sobre o seu próprio mistério (...). Em consequência disso, surge uma necessidade generosa e quase impaciente de renovação, isto é, de emenda dos defeitos, que aquela consciência denuncia e rejeita, como se fosse um exame interior ao espelho do modelo que Cristo nos deixou de Si mesmo’. O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: ‘Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. (...) A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma’. Há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador; de igual modo, as boas estruturas servem quando há uma vida que as anima, sustenta e avalia. Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem ‘fidelidade da Igreja à própria vocação’, toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo¹⁵⁶.

Portanto, para melhor acolher os jovens na Igreja, é preciso a conversão contínua de seus membros, em vista do testemunho de vida cristã capaz de aceitar incondicionalmente aquele que, sofrendo, bate às portas da Igreja ou dela espera um sinal de esperança para seu sofrimento. “É preciso recordar-se de que cada ensinamento da doutrina deve situar-se na atitude evangelizadora que desperte a adesão do coração com a proximidade, o amor e o testemunho. A ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai

¹⁵⁴ ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 239.

¹⁵⁵ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola. 2013, n. 25.

¹⁵⁶ VATICANO II. Decreto sobre o ecumenismo *Unitatis redintegratio*, 6. Apud FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola. 2013, n. 26.

exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais¹⁵⁷”.

Apesar dos limites apontados na pesquisa quanto à acolhida incondicional do outro no seio da Igreja, Rocca destaca que, de modo geral, os depoimentos da juventude, tanto na pesquisa quanto na prática pastoral, têm demonstrado como, na experiência de alguns jovens, o testemunho de vida, o afeto, a ajuda e a acolhida de alguns cristãos, grupos, lideranças da Igreja Católica os marcaram positivamente em momentos de vulnerabilidade ou de sofrimento, em situações críticas ou traumáticas. Ela acrescenta quão importante é o testemunho e a acolhida amorosa de Deus para o fortalecimento da resiliência e descoberta de um sentido de vida:

O testemunho e a vida das pessoas resilientes demonstram a importância da experiência da acolhida amorosa de Deus e das pessoas para superar situações adversas; demonstram também que as situações adversas e sofridas não determinam um trauma, pois existem possibilidades de superá-los. Mesmo que não se consigam eliminar nem esquecer totalmente, as “feridas” podem ser “transformadas”, lidas como possibilidades de aprendizado, de mudança, como desafio a superá-las com iniciativa e criatividade e, inclusive, ser motivo de descoberta de um novo sentido de vida¹⁵⁸.

Finalmente, Rocca esclarece que, um dos principais desafios da promoção da resiliência em âmbito pastoral é a formação do assessor, ou do tutor de resiliência, uma vez que, quanto mais a liderança do grupo puder conhecer a realidade de seus membros, a mentalidade e a forma de sentir, sua cultura, seus valores e pontos de interesse, as inquietações e necessidades, mais apto estará para despertar nestes a capacidade de resolver conflitos, superar adversidades e reconstruir, positivamente, situações traumáticas pessoais ou coletivas.

A respeito dos tutores de resiliência no contexto eclesial, Oliveira e Nogueira

¹⁵⁷ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola. 2013, n. 42, 67.

¹⁵⁸ ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 245.

propõem um “ministério de solidariedade”:

Além das ações coletivas através de redes de apoio e proteção, a Igreja pode incentivar e capacitar pessoas para desenvolverem um ministério de solidariedade capaz de investir na vida do outro visando fortalecê-lo antes, durante e depois de enfrentar momentos adversos: crises, luto, enfermidades, catástrofes, etc. Os tutores podem ser comparados a uma bússola, cujo papel é auxiliar a pessoa que está em crise a decidir para onde irá. A decisão é da pessoa que está sendo acompanhada; os tutores apenas apontam o “norte”, mas a liberdade e a responsabilidade de decidir é da pessoa que está passando pela adversidade¹⁵⁹.

Acerca da solidariedade, o papa Francisco recorda que esta é uma dimensão importante da vida cristã e que diz respeito a todos. Todavia, a falta de solidariedade influi diretamente na relação da pessoa com Deus. O bispo de Roma vai ainda mais longe em sua reflexão, ao relacionar solidariedade e novos meios de comunicação. Ele, então, acrescenta:

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a mística de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos. Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudéssemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos¹⁶⁰.

Caso os sofredores não encontrem na Igreja ou na pastoral um ambiente terno e acolhedor, bem como “uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e paz, ao mesmo tempo que os chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus¹⁶¹”.

¹⁵⁹ OLIVEIRA, Márcio Divino de; NOGUEIRA, Paulo Dias. *Resiliência, fé e práxis pastoral: A igreja como agente de fé resiliente*. Disponível em: <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/view/12/24>. Acesso em: 20.11.2015.

¹⁶⁰ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola. 2013, n. 87.

¹⁶¹ *Ibid.*, n. 89.

Portanto, o verdadeiro líder cristão e, por conseguinte, tutor de resiliência, é aquele que ergue do chão a “ovelha” doente e apresenta-a ao Bom Pastor, para que ele a cure e dê-lhe vida nova (cf. Jo 10,11). Neste sentido, olhar a realidade da pessoa que sofre desde a ótica da resiliência no ambiente eclesial significa, antes de tudo, alcançar o outro com compaixão e sensibilidade. Ser capaz de identificar e acreditar em seus dons e potencialidades e ajudá-lo a pô-los a serviço do Reino de Deus. O líder cristão – a exemplo do seu Mestre – precisa conscientizar-se de sua missão também como tutor de resiliência, solidário à dor do irmão, deixando-se envolver por profunda sensibilidade espiritual, capaz de acolher, escutar e abraçar o sofredor sem indiferença ou julgamentos, como fez o próprio Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sofrimento é parte integrante da condição humana e se apresenta como realidade antropológica universal, diante do qual os seres humanos se questionam e buscam respostas. Tentar compreender o sofrimento, aliás, está no núcleo da existência humana. Contudo, a busca por tal compreensão se torna uma tarefa interminável, uma vez que o sofrimento faz parte do mistério da própria existência do homem. Entretanto, ainda que o ser humano não esteja em condições de entender totalmente a realidade do sofrimento, ele pode, no decurso da vida, oferecer-lhe um sentido.

Com efeito, nessa busca de significado para a realidade do sofrimento viu-se que a resiliência, com o auxílio indispensável da espiritualidade e da esperança cristã, se apresenta como uma força criadora e dinâmica, capaz de iluminar a inteligência humana para desabrochar suas potencialidades mais profundas; o que resulta na descoberta de uma capacidade nata de superação dos efeitos danosos da adversidade e do sofrimento.

Nesse processo, a fé cristã e a espiritualidade agem na vida do sofredor como uma fonte de esperança para seguir lutando. Fé esta que tem sua razão de ser em Cristo, o Crucificado-Ressuscitado que, com seu exemplo de amor-compaixão, trouxe vida nova à humanidade sofredora e sem esperança. Com Jesus Cristo há uma certeza para o cristão que sofre: “Se com ele morremos, com ele viveremos; se com ele sofremos, com ele reinaremos” (2Tm 2,11-12). Assim, “o ressuscitado se mostra e aponta, com precisão, uma esperança dinâmica, criativa e prática¹⁶².”

Ademais, quando se fala no valor da espiritualidade, da fé e da esperança para o

¹⁶² FORMOSO, Ana María. *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas: um estudo cristológico de Jon Sobrino*. Cadernos Teologia Pública, São Leopoldo, ano 4, n. 29, p. 1-19, 2007. p. 18.

processo de resiliência e a prática pastoral, é bom que se diga, não se trata de uma experiência aleatória, ingênua ou meramente intimista, distante da realidade prática cotidiana. Ao contrário, deve ser uma realidade espiritual sempre desperta para a compaixão, a misericórdia e o amor incondicional do próximo, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho. Trata-se, sobretudo, de “uma verdadeira espiritualidade encarnada na cultura dos simples¹⁶³”, uma espiritualidade capaz de transformar o coração e sofrimento humano, pois “o bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros¹⁶⁴”.

Nesta perspectiva, a resiliência e a fé, embora contendo dimensões práticas da vida, apontam para uma dinâmica que busca a plenitude, mesmo através de situações muito difíceis e de ferimentos muito dolorosos. Esta fé postula a completude desta dinâmica após a morte, à imagem do Cristo ferido e ressuscitado, transformado em nova vida. É, sobretudo, esta esperança que faz o homem querer, no agora da vida, imitar o Cristo e ser bom samaritano na vida dos sofredores, acolhendo-os de forma incondicional e possibilitando-lhes a descoberta de um novo sentido de vida em busca da felicidade plena.

Diante do contexto atual da sociedade, onde a cultura do bem-estar e do provisório tende a tornar as pessoas insensíveis e indiferentes ao sofrimento alheio, os apelos audaciosos do papa Francisco se apresentam como um “canto de esperança” para tantos sofredores. Suas palavras são verdadeira fonte de encorajamento e resiliência, às quais devem tocar profundamente os líderes da Igreja e tutores de resiliência em sua ação pastoral:

¹⁶³ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola. 2013, n. 124.

¹⁶⁴ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola. 2013, n. 9.

Quantas dificuldades na vida de cada um, no nosso povo, nas nossas comunidades, mas, por maiores que possam parecer, Deus nunca deixa que sejamos submergidos. Tenham sempre no coração esta certeza! Deus caminha a seu lado, nunca lhes deixa desamparados! Nunca percamos a esperança! Nunca deixemos que ela se apague nos nossos corações! Deus é o mais forte, e Deus é a nossa esperança! Sejamos luzeiros de esperança! Tenhamos uma visão positiva sobre a realidade. O cristão não pode ser pessimista, ter uma cara de constante estado de luto¹⁶⁵.

Quando estamos bem e comodamente instalados, esquecemo-nos certamente dos outros (isto, Deus Pai nunca o faz!), não nos interessam os seus problemas, nem as tribulações e injustiças que sofrem; e, assim, o nosso coração cai na indiferença: encontrando-me relativamente bem e confortável, esqueço-me dos que não estão bem! Hoje, esta atitude egoísta de indiferença atingiu uma dimensão mundial tal que podemos falar de uma globalização da indiferença. Trata-se de um mal-estar que temos obrigação, como cristãos, de enfrentar. Desejo que os lugares onde a Igreja se manifesta, particularmente as nossas paróquias e as nossas comunidades, se tornem ilhas de misericórdia no meio do mar da indiferença. O cristão é aquele que permite a Deus revesti-lo da sua bondade e misericórdia, revesti-lo de Cristo para se tornar, como Ele, servo de Deus e dos homens¹⁶⁶.

A proposta de evangelização do papa Francisco coloca, portanto, em primeiro lugar a valorização integral do ser humano, por meio de uma ação pastoral que não faça acepções, mas que acolha e ame a todos. O desejo de Francisco é inquietante, e não menos desafiador: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo. (...) Que toda a estrutura eclesial se torne um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. (...) Que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de saída¹⁶⁷”.

O campo de reflexão e atuação da resiliência na Igreja é bastante vasto e, com a atuação pastoral do papa Francisco, tem grandes possibilidades de expandir-se e tornar-se,

¹⁶⁵ FRANCISCO, Papa. Homilia em Aparecida, 27 de julho de 2013. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/leia-a-integra-da-homilia-do-papa-francisco/>. Acesso em 14. 11. 2015.

¹⁶⁶ FRANCISCO, Papa. Mensagem da Quaresma, 4 de outubro de 2014. Disponível em: http://pt.radiovaticana.va/news/2015/01/27/texto_integral_da_mensagem_do_papa_para_a_quaresma_2015/120195. Acesso em 14. 11. 2015.

¹⁶⁷ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, Loyola. 2013, n. 27.

com a mensagem da misericórdia, fonte de alegria e de libertação para aqueles que sofrem. A proposta da resiliência, em seu vasto campo semântico, tem muito a contribuir com a pastoral católica nas suas mais diversas expressões: na catequese, através da escuta e da acolhida incondicional da criança e do jovem, bem como de sua história de vida, muitas vezes difícil; deve ser uma mensagem de ânimo e encorajamento na visita aos doentes, a fim de confortá-los; no sacramento da penitência, como expressão incondicional da escuta, da compaixão e da misericórdia divina; na pastoral carcerária, para ajudar na ressignificação e descoberta de um novo sentido de vida; através das homilias e pregações, para orientar os fiéis no enfrentamento do luto, das doenças, das perdas e sofrimentos graves na vida, dentre outras realidades.

Não obstante os desafios da evangelização, o mesmo Espírito que soprou a novidade do Concílio Vaticano II parece agora revestir a Igreja de nova luz e esperança, pois, assim como a *Gaudium et Spes* parte da concretude da vida cristã, de suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias, a *Evangelii Gaudium* também o faz. O papa Francisco tem peculiar sensibilidade para com o ser humano em sua inteireza e “procura olhar nos olhos do outro. Seu ponto de partida para a missão da Igreja é o sofrimento concreto das pessoas, a indignação com a fome e a ganância, com a solidão e o abandono, com a falta de solidariedade e com a negação de reconhecimento”¹⁶⁸.

Deste modo, o presente trabalho de conclusão de Teologia, sem demasiada pretensão, justifica-se como tentativa de aplicação pastoral concreta do primado do amor e do serviço ao próximo, apresentado pelo Evangelho, pois, do mesmo modo que Deus, em Jesus Cristo, se compadece de seus filhos, estes, como irmãos, devem compadecer-se uns dos outros e ajudar-se mutuamente na promoção da liberdade e dignidade humanas, da resiliência e, sobretudo, da vida em sua totalidade.

¹⁶⁸ SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014, p.9-10.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Edson Fernando de. *Do viver apático ao viver simpático*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ARFELIS, Marta Burguet; MIRAVALLÉS, Anna Forés (Org). *A resiliência em ambientes educativos*. São Paulo: Paulinas, 2015.

ASSIS, Simone Gonçalves de; PESCE, Renata Pires; AVANCI, Joviana Quintes. *Resiliência. Enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BAUER, J. *Dicionário Bíblico Teológico*. São Paulo: Loyola, 2015.

BENTO XVI. *Spe Salvi, sobre a esperança cristã*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2007.

BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (Orgs). *Dicionário de termos Teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. Paulus, Loyola, 2011.

BÍBLIA – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. São Paulo: Vozes, 1998.

BOUGAUD, Monsenhor. *A dor*. São Paulo: Cléofas, Cultor de livros, 2015.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

COMBLIN, José. *Viver na esperança*. São Paulo: Paulus, 2010.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Celebrar a Misericórdia subsídio litúrgico*. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2015.

DRANE, James F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014.

FERREIRA, Antônio Gomes. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto, 1988.

- FLORISTAN, Casiano. *Novo dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009.
- FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. 25ª edição, São Paulo: Sinodal, Vozes, 2007.
- GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GERSTENBERGER, Erhard, S; SCHRAGE, Wolfgang. *Por que sofrer? O sofrimento na perspectiva bíblica*. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2007.
- GRÄF, Richard. *O cristão e a dor*. São Paulo: Quadrante, 2007.
- GRUNSPUN, Haim. *Criando filhos vitoriosos. Quando e como promover a resiliência*. São Paulo: Atheneu, 2005.
- JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- KREEFT, Peter. *Buscar sentido no sofrimento*. São Paulo: Loyola, 1995.
- LACAYO, Rosa Argentina Rivas. *Saber crecer: resiliencia y espiritualidad*. Espanha: Urano, 2007.
- LAVELLE, Louis. *O mal e o sofrimento*. São Paulo: E realizações, 2014.
- LEPARGNEUR, H. *Antropologia do Sofrimento*. Aparecida: Santuário, 1985.
- LOURENÇO, João Duarte. *O sofrimento no pensamento bíblico*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2006, p.84.
- MERTON, Thomas. *Homem algum é uma ilha*. Rio de Janeiro: Verus, 2003.
- _____. *Na liberdade da solidão*. São Paulo: Editora Vozes, 2012.
- ARFELIS, Marta Burguet; MIRAVALLÉS, Anna Forés (Org). *A resiliência em ambientes educativos*. São Paulo: Paulinas, 2015.

MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida, o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *No fim, o início. Breve tratado sobre a esperança*. São Paulo: Loyola, 2007.

NOLAN, Albert. *Esperança em tempos de desespero*. São Paulo: Paulus, 2012.

NOUWEN, Henri J. M. *Crescer. Os três movimentos da vida espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2011.

PAPA FRANCISCO. *Lumen Fidei*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2013.

POLETTI, Rosette; DOBBS, Barbara. *A resiliência – a arte de dar a volta por cima*. Petrópolis: Vozes, 2007.

ROCCA, Susana Maria. *Resiliência, Espiritualidade e Juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.

SCHWEITZER, Albert. *O misticismo de Paulo o apóstolo*. São Paulo: Novo Século, 2003.

TAMAYO, Juan José. *Novo dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009.

TANQUEREY, Adolphe. *A divinização do sofrimento*. São Paulo: Cultor de Livros, 2014.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Português-Latino*. São Paulo: Editorial Domingos Barreira-Porto, 1939.

VAN DER PLOEG, J.P.M. *Jesus nos fala. As parábolas e as alegorias dos quatro evangelhos*. São Paulo: Paulinas, 1999.

VANISTENDAEL, Stefan. *Resiliência – como crescer superando os percalços*. São Paulo: Escritório Internacional Católico da Infância. Tradução de José Claret Leite Cintra, 1999.

_____; LECOMTE, Jacques. *La felicidad es posible. Despertar en niños maltratados la confianza en si mismos: construir la resiliencia*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2006.

VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes, sobre a Igreja no mundo atual*. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.

Fontes da web

CHEQUINI, Maria Cecilia Menegatti. *Resiliência e espiritualidade em pacientes oncológicos: uma abordagem junguiana*. Teses e Dissertações-PUC. 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=166265. Acesso em: 07.10.2015.

HOCH, 2007, p. 73. Apud OLIVEIRA, Márcio Divino de; NOGUEIRA, Paulo Dias. *Resiliência, fé e práxis pastoral: A igreja como agente de fé resiliente*. Disponível em: <http://www.faiifa.edu.br/revista/index.php/voxfaiife/article/view/12/24>. Acesso em: 20.11.2015.

OLIVEIRA, Márcio Divino de; NOGUEIRA, Paulo Dias. *Resiliência, fé e práxis pastoral: A igreja como agente de fé resiliente*. Disponível em: <http://www.faiifa.edu.br/revista/index.php/voxfaiife/article/view/12/24>. Acesso em: 20.11.2015.

SANTA SÉ. *Catequeses do papa Francisco*. w2.vatican.va/content/va. Acesso em: 22.11.2015.

VANISTENDAEL, Stefan. *La resiliencia: desde una inspiración hacia cambios prácticos*. BICE, 2005. Disponível em: <https://www.obelen.es/upload/262d.pdf>. Acesso em: 25.10.2015.

_____. *Resiliencia y Espiritualidad. El realismo de la fe*. 2003. Disponível em: http://www.addima.org/Documentos/Articulos/ResilienciaEspiritualidad_BICE2003.pdf. Acesso em: 14.10.2015.